



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO**  
**CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS**

**ERENILSON BARBOSA DA SILVA**

**ANTÔNIO VIEIRA: CANTOS, ENCANTOS E DESENCANTOS DA**  
**ALMA: quais as condições enfrentadas por um intelectual negro no**  
**processo de ascensão social?**

**JUAZEIRO-BA**

**2018**

**ERENILSON BARBOSA DA SILVA**

**ANTÔNIO VIEIRA: CANTOS, ENCANTOS E DESENCANTOS DA  
ALMA: quais as condições enfrentadas por um intelectual negro no  
processo de ascensão social?**

Trabalho apresentado a Universidade Federal do Vale do São Francisco - UNIVASF, Campus Juazeiro, como requisito para obtenção do título de Bacharel em Ciências Sociais.

Professor Orientador: Prof. Dr. Cláudio de Almeida  
(Doutor em sociologia)

**JUAZEIRO-BA**

**2018**

	Silva, Erenilson Barbosa da
S586a	Antônio Vieira: Cantos, Encantos e Desencantos da Alma: quais as condições enfrentadas por um intelectual negro no processo de ascensão social? / Erenilson Barbosa da Silva. -- Juazeiro, 2018.
	xv, 40 f. : il. ; 29 cm.
	Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Bacharelado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Vale do São Francisco, Campus Juazeiro, Bahia-BA, 2018.
	Orientadora: Profª. Drª. Cláudio Roberto de Almeida
	Referências.
	1. Negro - Educação. 2. Condição social. I. Título. II. Almeida, Cláudio Roberto de. III. Universidade Federal do Vale do São Francisco.
	CDD 370.96081

UNIVERSIDADE FEDERAL DO VALE DO SÃO FRANCISCO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS

FOLHA DE APROVAÇÃO

ERENILSON BARBOSA DA SILVA

ANTÔNIO VIEIRA: CANTOS, ENCANTOS E DESENCANTOS DA  
ALMA: quais as condições enfrentadas por um intelectual negro no  
processo de ascensão social?

Trabalho de conclusão de curso apresentado como  
requisito parcial para obtenção do título de Bacharel  
em Ciências Sociais, pela Universidade Federal do  
Vale do São Francisco.

Aprovado em:        de                                de 201        .

**Banca Examinadora**

---

(Orientador: Prof. Dr. Cláudio Roberto de Almeida | UNIVASF).

---

(Prof. Dr. Delcides Marques | UNIVASF).

---

(Prof. Dr. Gabriel Pugliese Cardoso | UNIVASF).

## AGRADECIMENTOS

Ao meu amigo e querido Prof. Dr. Reginaldo Carvalho da Silva, por sua sensibilidade de entender a importância de histórias como a de Antônio Vieira, e por contribuir de maneira direta na escolha de meu objeto de pesquisa.

À Alcione pela confiança que depositou em mim ao fornecer o acervo pessoal de seu tio, Antônio Vieira, como: fotos, papéis, documentos e depoimentos valiosos, sem os quais essa pesquisa não seria possível.

Ao meu querido e competente orientador Prof. Dr. Cláudio Roberto dos Santos de Almeida, pela competência, sensibilidade e confiança.

À minha amada esposa, Michelle Huana, e ao meu amado filho, Davi Barbosa, pela compreensão de entender, muitas vezes, a minha ausência devido ao trabalho e a faculdade; a tolerância com as horas de estudo para dar conta dos trabalhos da faculdade; por não poder compartilhar algumas atividades domésticas e sociais; e por sempre acreditarem em mim. Obrigado!

Aos meus amados pais, Erinelson Gonçalves da Silva e Maria Barbosa da Silva, por sempre estarem ao meu lado e cultivarem em mim os valores que enobrecem um homem de bem e envolve as suas mais elevadas virtudes.

Aos meus irmãos Tiago Barbosa, Diego Barbosa e Emille de Jesus pela parceria e compreensão das horas em que estive ausente, pelo apoio nos momentos de desânimo e por compartilharem a importância da conclusão do curso superior para minha trajetória.

A todos que colaboraram com a realização dessa pesquisa, de maneira direta e indireta, e que me ajudaram alcançar o objetivo, gostaria de citar alguns nomes: Profa. Dra. Carmélia Aparecida Silva Miranda, Dr. Gustavo Eduardo Teixeira da Rocha, Paulo Xisto Gama, Antônio Augusto de Oliveira Santana, Profa. Iêda Belitardo Barbosa de Carvalho, secretária Sônia Magali de Sá Guimarães, Hélio Freitas, Carlos do Tijuacu, Stela, Prof. Aloísio, Prof. José Cosme de Sá, e a todos que, com paciência e carinho, contribuíram com o a concretização desse trabalho.

Agradeço aos meus colegas universitários que souberam, bravamente, durante esses quatro anos, transpor os mais variados momentos de dúvidas, angústias e desânimos diante dos desafios que uma universidade pública nos traz.

Sobre tudo, agradecer imensamente ao Maestro do Universo, por permitir que eu cumprisse a minha investigação mesmo diante dos desafios que surgiram no processo da pesquisa. Por ter colocado em meu caminho pessoas que souberam contribuir de maneira vital para o desenvolvimento do meu trabalho de conclusão. Por proporcionar saúde e força nos momentos de desânimo e por ser a fonte de toda ciência, entendimento e sabedoria.

*“Acorda, irmão!  
Sai deste porão,  
irmão!  
Quem te botou aí  
que não te foi tirar?”*

*Antônio Vieira*

## RESUMO

A presente pesquisa buscou compreender quais as condições enfrentadas, pelo intelectual negro, na figura do bacharel em biblioteconomia, Antônio Vieira, no processo de ascensão social, de estrutura e moldes pré-estabelecidos e pelo resultado do estigma sofrido pela escravidão dos negros ao longo da história. A degradação criada pelo passado escravo os condenou a um atraso em desenvolvimento no sentido de adaptação ao mercado competitivo e excludente. Portanto, sem a devida condição para os ex-escravos, esses se aproximaram dos padrões estéticos e característicos de uma intelectualidade segundo os interesses e valores dos brancos. Essa herança sociocultural leva a uma série de dificuldades enfrentadas pelas figuras desejantes que não correspondem aos paradigmas sociais criados por uma minoria privilegiada. A partir dos elementos antiestruturais como figuras mutantes nos campos social e acadêmico, encontra-se a tímida presença do intelectual negro em processo de integração aos espaços de poder. A partir desse contexto temos como base a trajetória do intelectual e poeta Antônio Vieira em seu itinerário como acadêmico, negro, e suas principais dificuldades; atestando assim os impasses enfrentados rumo à democracia de oportunidades.

**Palavras-chave:** Ascensão social. Intelectual negro. Antônio Vieira. Espaços de poder. Herança sociocultural.

## ABSTRACT

The present dissertation sought to understand the conditions faced by black intellectuals in the bachelor's degree in librarianship, Antônio Vieira, in the process of social ascription, pre-established structure and molds and the result of the stigma suffered by the enslavement of throughout history. The degradation created by the slave-past has led them to a developmental delay in the sense of adapting to the competitive and excluding market. Therefore, without the proper condition for the former slaves, they approached the aesthetic and characteristic patterns of an intellectuality according to the interests and values of the whites. This socio-cultural heritage leads to a series of difficulties faced by desiring figures who do not correspond to the social paradigms created by a privileged minority. From the anti-structural elements as mutant figures in the socio-academic fields, there is the timid presence of the intellectual, black, in the process of integration into the spaces of power. From this context, we have as basis, the trajectory of the intellectual and poet Antônio Vieira in his itinerary as academic, black, and his main difficulties; thus attesting the impasses faced towards democracy of opportunity.

**Key-words:** Social ascension. Black Intellectual. Antônio Vieira. Spaces of power. Sociocultural heritage.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Antônio Vieira em sua juventude. ....	21
Figura 2 - Antônio Félix Martins e Adelina Xisto Martins. ....	24
Figura 3 - Foto de Ruy Barbosa, em Senhor do Bonfim, dia 5 de dezembro de 1919, à entrada da residência em que se hospedou, pertencente, na ocasião, ao coronel Antônio Félix Martins. Nesta fotografia: Antônio Félix Martins, Salustiano Figueiredo Cordeiro de Miranda, Francisco Esteves da Silva, Ruy Barbosa e Bernardino Madureira de Pinho. A matéria no “Correio do Bonfim” datado de 5 de dezembro de 1919: Ruy Barbosa no sertão. Seja bem-vindo a nossa terra o maior dos Brasileiros.....	25
Figura 4 - Samba de Lata em Tijuacu.....	32
Figura 5 - Livro publicado em 1972. Capa: Humberto. Ilustração: Roberto. Impresso no Brasil – Printed. ....	36
Figura 6 - <i>Cantos encantos e desencantos d'alma</i> , publicado em 1975.....	45
Figura 7 - Livro publicado em 1980. Obra Bilíngue. Título em inglês: <i>Songs of Africa</i> . Capa e ilustrações internas com reproduções de quadros do artista plástico Angelo Schepis. ....	46
Figura 8 - Antônio Vieira entregando o seu livro ao cantor e compositor Roberto Carlos.....	47
Figura 9 - Noite de autógrafos do seu livro: <i>Cantares d'África</i> em Salvador. ....	49
Figura 10 - Casarão da família Félix Martins. ....	54
Figura 11 - Um dos casarões da família Félix Martins e a presença de crianças negras.....	57
Figura 12 - Cine-Teatro São José. ....	58
Figura 13 - Certificado de Aprovação em Exame de Admissão. ....	61
Figura 14 - Fachada do Ginásio Sagrado Coração, onde os Irmãos Maristas residiam. ....	62
Figura 15 - Colégio Maristas, hoje Colégio Estadual Senhor do Bonfim. ....	62

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	11
2 PROBLEMÁTICA .....	14
3 JUSTIFICATIVA .....	17
4 METODOLOGIA.....	19
4.1 ORDEM E CONTEÚDOS DOS CAPÍTULOS .....	20
5 A TRAJETÓRIA DE ANTÔNIO VIEIRA EM SOLOS BONFINENSES .....	21
6 ANÁLISE DAS IDEIAS DE NEGRITUDE NAS OBRAS DE ANTÔNIO VIEIRA .....	36
7 A MOBILIDADE SOCIAL DE ANTÔNIO VIEIRA .....	53
8 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	71
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	75

## 1 INTRODUÇÃO

O interesse de pesquisar como se deu o processo de mobilidade social do intelectual e poeta Antônio Vieira surgiu a partir de sua idiossincrasia como homem, negro, nordestino, quilombola, que teve sua trajetória marcada pelas tensões existentes entre as estruturas sociais e a trajetória, singular, do indivíduo como ponto forte do fenômeno investigado.

A análise de sua trajetória conduziu-me a seguinte indagação: Quais fatores objetivos podem explicar a trajetória de Antônio Vieira como intelectual, bem como sua experiência social se manifesta no seu trabalho intelectual? Ou seja, foram tais ruminções que fomentaram a pesquisa da trajetória de Antônio Vieira, ainda tão pouco estudada, mas que nos representa de perto. Essas perguntas levaram-me a uma de minhas entrevistas com professor universitário, negro, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Reginaldo Carvalho, que, em uma das entrevistas concedidas, apresentou-me a história de uma figura chamada Antônio Vieira; logo de primeira instância fiquei maravilhado com a envergadura e a plasticidade intelectual de Antônio Vieira e com a possibilidade de conhecer mais sua história, eclipsada, em sua própria terra.

Diante do desafio de pesquisar o fenômeno de sua ascensão social, debruçei-me nos estudos de relações raciais e a mobilidade social do negro no Brasil. Assim, pude verificar outras trajetórias de intelectuais negros que tiveram processos de ascensão social semelhante à do nosso personagem Antônio Vieira durante o século XIX e primeira metade do século XX, onde negros tinham em famílias brancas, e pertencentes a uma elite, uma oportunidade de mobilidade social.

Assim, foi um ponto importante para o entendimento da mobilidade social de Antônio Vieira e as barreiras sociais do negro após a abolição. Portanto, a presença do negro Antônio Vieira entre as elites bonfinenses, ocupando espaços até então restritos a uma elite privilegiada, se configura, concomitantemente, com as transformações econômicas e culturais, pelas quais a cidade de Senhor do Bonfim estava passando no século XX e pela assimilação da cultura de uma família branca, considerada “superior”; na qual o indivíduo se afasta dos símbolos de seu grupo de origem para integrar-se ao grupo dominante.

Antônio Vieira foi absorvido pela cultura de elite bonfinense de sua época, ou seja, através do modelo de assimilação sistemática dos círculos dominantes de seu tempo. Assim, através de sua trajetória, acredito ser possível entender as dificuldades de mobilidade do negro

no Brasil a partir de fatores objetivos de sua experiência de ascensão social, onde negros nascidos em uma pequena comunidade rural do sertão baiano, chamada Tijuaçu, não passavam de artesãos, empregados domésticos e lavradores nas fazendas dos coronéis.

Contudo, mesmo com todas as dificuldades de um menino negro, de origem muito pobre e de pais analfabetos, conseguiu traspasar as barreiras impostas pelas estruturas da sociedade conservadora da sua época, e ser o único de sua comunidade, quilombola, a chegar a Universidade Federal da Bahia (UFBA) em seu tempo. Sua trajetória chamou-me atenção devido às dificuldades enfrentadas pelos intelectuais negros no processo de ascensão social e como sua trajetória pessoal pode contribuir, objetivamente, para o entendimento de como se deu sua mobilidade social em uma sociedade de família patriarcal e conservadora.

Avaliar a trajetória de Antônio Viera ajuda-nos a compreender os processos de interações complexas entre o indivíduo e o âmbito da vida em sociedade, e como se dá certas relações que definem o sucesso do indivíduo negro em situação desfavorável que se adéqua a um padrão esperado e cultuado na sociedade e, também, o insucesso dos que não conseguem, por motivo ou outro, adaptar-se ao meio. Uma espécie de estratégia de mobilidade social pela qual estava submetido o nosso personagem Antônio Vieira.

Daí o interesse em pesquisar a vida do “professor, bacharel em biblioteconomia, antropólogo social, poeta e um misto de ator de cinema e teatro” (BERND, 1992, p. 107), que surgiu por meio da necessidade de entender os processos pelos quais “a sociedade espera que os indivíduos que ocupam certas posições no sistema social; exibam certos traços de personalidade e estes, em geral, respondem positivamente e cultivam tais traços” (FERNANDES, 2008, p. 12). O negro, no entanto, precisa moldar-se a um arquétipo de base branca para se vê aceito no campo social, econômico, político e cultural, devido ao prejuízo sofrido pelos negros no período de escravidão: que os mutilou, que os atrasou, que os colocou em desvantagem social. Antônio Vieira, portanto, encontrou nos moldes de adaptação no mundo dos brancos os meios para alcançar sua posição no campo acadêmico e nos espaços possíveis de uma ascensão social.

Antônio Vieira (1937-1996) nasceu em Tijuaçu, distrito de Senhor do Bonfim, em uma família muito pobre e de origem escrava, ou seja, Antônio Vieira era neto de ex-escravos da etnia iorubá (*Yorùbá*). Ainda muito pequeno foi criado pela senhora Adelina Xisto Martins, esposa do senhor Antônio Félix Martins, pertencentes a uma tradicional família da cidade.

O senhor Antônio Félix e sua esposa Adelina Xisto Martins, que residiam em um casarão existente na Praça Nova, hoje restaurante Veneza, tinham uma fazenda em Tijuaçu onde possuíam uma criação de gado e de distribuição de leite. Antônio Vieira, portanto, era o menino que pegava o leite e levava para Bonfim onde era vendido. A relação de Antônio Vieira com a

família Félix era, a princípio, uma relação de trabalho como toda relação de um menino negro e pobre da época. Entretanto, segundo a senhora Estela Costa, parente da senhora Adelina Xisto:

Antônio Vieira era um menino perspicaz em relação aos outros dez irmãos que residiam com o seus pais em Tijuacu. Isso é tanto, que a senhora Adelina Xisto Martins, apegou-se a Antônio Vieira por sua dedicação ao trabalho e aos estudos, que mesmo após as atividades como vendedor de leite, Antônio Vieira conseguia tempo para se dedicar aos estudos”. (SOUZA, 2018)

O relato da senhora e secretária do Colégio Estadual, Sônia Magali de Sá Guimarães, que diz:

O nego Tonho (como ela o chama) vinha para escola de jegue, onde chamava atenção pelo seu esforço e gosto, apurado, pelos estudos e por sua facilidade de adaptação aos interesses de uma família tradicional, branca, que de primeira instância, não pertencia à realidade de um menino de origem quilombola. (GUIMARÃES, 2017)

Portanto, pesquisar as dificuldades enfrentadas e os fatores objetivos que explicam a trajetória de Antônio Viera como intelectual, poliglota, poeta e professor universitário fora do Brasil; um ponto de partida para o entendimento das desigualdades sociais e sua confirmação mutiladora das potencialidades dos menos favorecidos e sua necessidade de fatores externos favoráveis para sua ascensão. Assim, a partir de uma análise sociológica de como se deu essa mobilidade social teremos, então, um tipo ideal em Weber como forma de compreensão do fenômeno de ascensão social de Antônio Viera e sua contribuição para a intelectualidade negra.

## 2 PROBLEMÁTICA

A “espoliação secular” caminha pelo tempo; o negro que não está preparado para a liberdade continua escravo da ignorância e perpetua a sua servidão por meio dos seus filhos: A geração que gemia na senzala, embriagada com a irônica liberdade com que lhe acenavam, atirou-se ao gozo das prerrogativas da sua libertação, sem capacidade para compreender a dura realidade moral e intelectual. Sem a capacidade de pensar e de agir, como poderia o negro transmitir aos seus filhos uma orientação mais firme e produtiva, numa sequência progressiva? (FERNANDES, 2008, p. 111)

Essa parte do livro *A integração do negro na sociedade de classes*, de Florestan Fernandes, reflete bem a reprodução da posição do negro na sociedade de classes e suas consequências nas futuras gerações. Isso se reflete nas principais dificuldades enfrentadas pelos negros, aqui representados, na pessoa do biblioteconomista e poeta negro Antônio Vieira.

A escassez de negros ocupando os espaços de prestígio social e, principalmente, o acadêmico, como mestres e doutores, é o que propomos discutir neste projeto. Ainda é uma surpresa, até mesmo para os próprios negros, que não se veem ocupando esses espaços. Em Tijuacu, por exemplo, onde temos um quilombo de maioria negra, ainda encontramos a autoestima do negro abalada pelo estigma de um passado de escravidão.

Um passado que insiste em permanecer vivo como um fantasma que os assombra, que os amputa, que os inferioriza, à condição de menores em uma sociedade de oportunidades extremamente desiguais. Portanto, a história de Antônio Vieira vem nos mostrar a difícil caminhada do negro rumo a sua integração social e o rompimento da reprodução que se mantinha em geração pós geração em sua família no quilombo do Tijuacu. Assim, os negros que reproduziam sua servidão aos seus filhos, sem a possibilidade de erguê-los a uma condição melhor de vida, tiveram em sua trajetória de servidão um fenômeno de quebra na trajetória da personagem Antônio Vieira.

Mas a pergunta é: como um homem negro, do quilombo, em pleno sertão nordestino, nascido em 1937 e de origem humilde, alcançou o *status* de professor universitário fora do Brasil? Mesmo pertencendo a uma família de lavradores e analfabetos, como esse homem rompeu os obstáculos do racismo em uma época tão recente da escravidão no Brasil? Em que a trajetória de Antônio Vieira pode contribuir para o entendimento da presença tímida dos negros como intelectuais e cientistas nas universidades?

Bem, toda essa indagação é “deveras importante para se entender não só o que ‘foi’ mas também, o que ‘viria a ser’ a situação do ‘negro’ na ordem social competitiva”. (FERNANDES, 2008, p. 117). Portanto, a ordem competitiva marcada pela desigualdade entre brancos e negros está no exemplo de uma corrida, aonde os brancos saem na frente ganhando

uma larga vantagem em detrimento dos negros. Essa desvantagem fez com que os negros sofressem uma série de dificuldades e atrasos em seu acesso a um mercado competitivo da vida em sociedade onde as regras são forjadas pelos donos do jogo.

Este fenômeno indicativo está presente em uma geração de negros que não tiveram a oportunidade de uma boa educação e, portanto, o despreparo não os conduziu a cargos além do submundo do trabalho. O seu despreparo os fez sucumbir a pauperização e meros trabalhadores braçais.

O meio que o fez (mas que ele não fez) o esquartejou espantosamente. E ele mantém este meio cultural com seu sangue e seus humores. Ora, o sangue do preto é um adubo estimado pelos especialistas. (FANON, 2008, p. 179)

Antônio Vieira em seu livro de poesia *Cantares d'África - Songs of Africa*: edição bilíngue inglês-português, publicado em 1980 pela editora Riex Rio de Janeiro, define seu cunho poético através da problemática da causa negra em todo o mundo.

Sua longa vivência em solos Africanos desfez as ilusões de que na Africana, a condição do negro seria melhor do que no Brasil. Esta experiência vivida na terra-mãe confere a obra de A. Vieira um interesse especial, pois sua visão da problemática negra e enriquecida pela capacidade de estabelecer permanentes confrontos com a realidade brasileira. (BERND, 1992, p. 107)

Sua poesia se associa à defesa da causa negra em um sistema perverso e desigual, onde Antônio Vieira tinha a clareza das injustiças sofridas pelo povo negro e das dificuldades enfrentadas, no processo de ascensão social, onde sua poesia intitulada *Luta Negra*, denuncia a difícil caminhada do povo negro:

Negro,  
 Negro,  
 que estrada comprida,  
 tão longa,  
 tão difícil  
 de aportar!  
 Que estrada tão difícil  
 de chegar.  
 Que montanha mais difícil  
 de escalar!  
 Por quê  
 tudo te é difícil  
 te fazem impossível chegar?  
 Não te preocupes, mano!  
 Muito breve,  
 juntos. Juntinhos,  
 chegamos lá.

II  
 Há muitos morros a exterminar,  
 há muitas favelas a destruir.

Pobreza e injustiça a cobrar,  
 preço de escravidão a nos pagar.  
 UNIÃO, irmãos, precisamos ter;  
 se é que desta miséria queremos sair.  
 Negro,  
 a estrada é íngreme,  
 longa, difícil de escalar.  
 Acorda-te,  
 vem,  
 põe-te, junto a nós  
 vem,  
 põe-te juntos a nós  
 por teus direitos lutar.  
 O amanhã,  
 Já te chegou,  
 Já te sorri.  
 Vem, Negro!  
 A estrada é árdua,  
 dura.  
 Montanha difícil de escalar  
 mas com trabalho  
 e mais esforço,  
 Xangô, Ogum nos ajudarão.  
 Zumbi nos encoraja.  
 Amanhã, juntos, chegamos lá. (VIEIRA, 1980, p. 21)

A poesia de Antônio Vieira possui uma característica muito marcante de seu engajamento na causa negra e de seu ativismo marcado por sua experiência de vida, por sua trajetória até academia, por sua origem humilde no quilombola, a sua vida em solos bonfinenses e toda sua trajetória para romper com um passado de opressão e ignorância. Ao problematizar a difícil situação do negro no processo de ajustamento da vida competitiva do mundo urbano, Antônio Vieira busca, através de sua poesia, provocar nos negros a reflexão sobre a real condição das desigualdades sociais geradas pelo passado escravo e pela injustiça de oportunidades em uma sociedade onde os negros foram largados a própria sorte.

### 3 JUSTIFICATIVA

O estudo das dificuldades enfrentadas por Antônio Vieira em sua trajetória rumo à universidade e, posteriormente, a sua carreira como professor universitário no exterior, ajudam a compreender a presença dos negros nos estratos sociais inferiores e a ínfima representação entre as elites locais, cujo acesso dos negros de origem quilombola, como a de Antônio Vieira, foi considerado um fenômeno. Essa escassez tem como uma possível resposta a trajetória do neto de escravos, que como todo negro de origem muito pobre, tem sérias dificuldades enfrentadas em seu itinerário rumo a sua integração social. Integração essa conquistada às custas de muito suor e sangue, onde muitos não chegam obter o sucesso desejado no mesmo período em que viveu Antônio Vieira. Isso explica porque figuras como Antônio Vieira ainda são consideradas raridades em uma sociedade acostumada a não ver o negro em uma posição de poder.

Por exemplo, o distrito do Tijuáçu de 1937, ano em que Antônio Vieira nasceu, até os dias de hoje, não se levantaram Antônio Vieiras no quilombo do Tijuáçu. Isso significa que a acessão social alcançada por Vieira nos anos 50 só foi possível através de uma família branca, que o adotou e o condicionou ao universo até então distante e renegado ao povo negro, que outrora, embrutecidos e animalizados pela marca indelével da escravidão antes sofrida pelo povo negro. Antônio Vieira, por exemplo, pertencia a uma família de lavradores que não tiveram a oportunidade de estudar, ou seja, analfabetos, alijados por esse passado que os deixou em condições desfavoráveis em uma ordem competitiva, portanto, o branco era uma espécie de passaporte de entrada do negro na sociedade de classes.

Essa dependência dos negros em relação aos brancos tem sua relação com dia 13 de maio de 1888, o ano da abolição da escravidão, que os jogaram a própria sorte, ou seja, mantendo-os em estado de dependência dos seus ex-patrões. Por conseguinte, mesmo estando livres da escravidão, os negros mantinham uma espécie de submissão aos brancos que os mantinham presos a uma realidade de servidão e trabalhos braçais nas fazendas dos coronéis. Então, a historicidade de Antônio Vieira está relacionada a uma realidade dos quilombos, de ex-escravos e da prestação de serviços a coronéis da cidade de Senhor Bonfim.

Antônio Vieira conheceu a desigualdade entre negros e brancos desde muito cedo. Sua vida no antigo Lagarto estava destinada a herança da escravidão em uma cidade pequena, onde negros se limitavam a trabalhos braçais nas fazendas dos coronéis. O seu pai, um simples lavrador e sua mãe, uma dona de casa, eram funcionários do coronel Antônio Félix Martins e da senhora Adelina Xisto Martins, que viriam praticamente a adotá-lo posteriormente. A família

Félix seria para Antônio Vieira o fator externo favorável que o levaria ao rompimento das barreiras de uma ordem centralizadora, herdada do passado. Sua porta de entrada na vida intelectual, seria um marco em toda história do povo do quilombo, que não tivera as mesmas oportunidades de Antônio Vieira, e que lhes foram negadas por um passado de escravidão. Ironicamente, os mesmos brancos que os escravizaram, eram os mesmos que tinham a chave para sua integração social no mundo dos brancos.

O distrito de Tijuáçu, antes de Antônio Vieira, era uma comunidade sem um nome que a representasse de perto, principalmente, no campo acadêmico, intelectual e científico; Vieira, portanto, representa uma ruptura em toda uma geração de servidão e irônica liberdade. Portanto, mesmo após abolição, os negros mantiveram um laço de dependência econômica e intelectual em relação aos coronéis da época. Essa pseudoliberalidade gerou uma servidão das famílias de quilombos nos solos bonfinenses, ou seja, o despreparo para liberdade os mantivera em um estado de escravidão intelectual; sem a capacidade de pensar e de agir de maneira crítica.

Os coronéis, que mantinham uma relação de trabalho com os habitantes do quilombo do Tijuáçu, valiam-se da escassez de serviços e do pouco acesso à educação que os negros tinham na época de Antônio Vieira. Essa herança sociocultural do povo de quilombo fez com que o deslocamento social e a incorporação do quilombola, Antônio Vieira, na esfera acadêmica, fossem fatores inéditos até mesmo para o seu próprio povo.

## 4 METODOLOGIA

Do ponto de vista metodológico, esta pesquisa foi realizada em quatro etapas, que puderam ser simultâneos em alguns momentos: revisão bibliográfica, pesquisa de campo, análise dos dados e documentos e redação da dissertação e pesquisa oral.

Na primeira etapa, aprofundi-me na bibliografia referente, por um lado, a intelectualidade negra, mais especificamente no Brasil, após abolição da escravidão em 13 de maio de 1888, para o entendimento da reprodução da opressão e escravidão intelectual e como a mobilidade social do negro se deu, ainda que em pequeno número, entre as elites e ocupações mais valorizadas da vida competitiva. Para esse fim abordarei uma literatura teórica mais ampla que discuta a questão como: *A integração do negro na sociedade de classes* (volume 1 e volume 2); *Vestígios recuperados*; *Pele negra máscaras brancas*; *Areia, mar, poesia*; *Cantos, encantos e desencantos da alma*; *Cantares d'África*; entre outros.

A partir dessas bibliografias procurei o entendimento da trajetória do negro na sociedade brasileira e sua tímida presença no campo acadêmico e sua condição na vida em sociedade. Os três livros de Antônio Vieira nos ajudaram a compreender o seu pensamento e itinerário como intelectual da causa negra e suas principais dificuldades enfrentadas como homem negro no processo de mobilidade social.

Por outro lado, a pesquisa de campo consistiu em duas etapas: visitas à casa de parentes e amigos ainda vivos de Antônio Vieira; visita a Escola Austríliano de Carvalho, onde Vieira estudou; visitas ao cemitério onde Antônio Vieira está sepultado; visita ao cartório de documentos e dados sobre a vida de Antônio Vieira; visita ao Colégio Estadual de Senhor do Bonfim, ex Colégio Maristas.

A sistematização dos dados observados e coletados em pesquisa como: currículo, certidão de nascimento, certidão de óbito, histórico escolar, fotos, jornais, trabalhos publicados, no Brasil, redação da dissertação como bases teóricas, que possibilitaram a fundamentar o trabalho de pesquisa sobre a trajetória do polímata Antônio Vieira e seus principais desafios como quilombola de origem pobre, que em solos bonfinenses, deu seus primeiros passos a sua vida intelectual.

A pesquisa foi feita utilizando o método da história oral por meio de entrevistas e questionários submetidos a testemunhas que vivenciaram, ou participaram, de alguma forma da vida do biblioteconomista, antropólogo social e poeta Antônio Vieira. Portanto, foram utilizados os seguintes recursos na pesquisa oral: gravação das entrevistas com permissão dos entrevistados através do termo de consentimento livre e esclarecido; anotações em um caderno de

pesquisa para algumas entrevistas que não permitiram a gravação do áudio e uso de questionários nas entrevistas orais como fonte de análise.

#### 4.1 ORDEM E CONTEÚDOS DOS CAPÍTULOS

No primeiro capítulo, *A Trajetória de Antônio Vieira em Solos Bonfinenses*, analisaremos a trajetória de Antônio Vieira em Senhor do Bonfim como ponto de partida de nossa investigação de entender os processos que constituíram sua formação primária como membro, onde se observa as relações com sua tradição familiar e sua vida com a cultura da época.

No segundo capítulo, *Análise das Ideias de Negritude nas Obras de Antônio Vieira*, analisaremos as ideias de negritude nas obras de Antônio Vieira, com objetivo de demonstrar, através dos seus três livros de poesia, o seu engajamento político e crítico das injustiças sociais contra o povo negro no qual o próprio autor sentiu, através de sua experiência pessoal, sentiu, na pele, a pobreza em sua pequena comunidade negra em Senhor do Bonfim.

No terceiro capítulo, *A Mobilidade Social de Antônio Vieira*, analisaremos a mobilidade social de Antônio Vieira por meio de assimilação da cultura de uma família branca e pertencente a uma elite bonfinense da época. O que as literaturas de relações raciais chamam de embranquecimento do negro como forma de ser absorvido pelas elites locais.

## 5 A TRAJETÓRIA DE ANTÔNIO VIEIRA EM SOLOS BONFINENSES

Figura 1 - Antônio Vieira em sua juventude.



Fonte: Acervo pessoal.

Partiremos de sua infância e juventude em Senhor do Bonfim, e a importância de sua tradição familiar na sua formação primária, como membro, onde o indivíduo experimenta em sua infância sua primeira socialização. O que os sociólogos denominam de processo de socialização primária<sup>1</sup>.

Antônio Vieira nasceu em 03 de fevereiro de 1937, em plena Era Vargas, ou melhor, no Estado Novo, ou também conhecida como ditadura Vargas. Nesse período, Senhor do Bonfim, cidade do centro-norte da Bahia, estava em pleno desenvolvimento em suas potencialidades como cidade do interior baiano. Portanto, foi na saudosa Vila Nova da Rainha, hoje Senhor

---

<sup>1</sup> Segundo Berger, indivíduo passa por um processo de socialização primária e secundária. “A socialização primária é a primeira socialização que o indivíduo experimenta na infância, e em virtude da qual torna-se membro da sociedade. A socialização secundária é qualquer processo subsequente que introduz um indivíduo já socializado em novos setores do mundo objetivo de sua sociedade”. Mais adiante afirma “que a socialização primária tem em geral para o indivíduo o valor mais importante e que a estrutura básica de toda socialização secundária deve assemelhar-se à socialização”. BERGER, Peter; LUCKHMANN, Thomas. **A construção socialização da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985, p. 175.

do Bonfim, que a nossa personagem, Antônio Vieira, deu seus primeiros passos, rumo a um árduo caminho, onde muito pouco de seus conterrâneos de semelhante origem jamais atingiu. Assim, pretende-se entender os processos de conexão entre problemas pessoais do indivíduo e as estruturas sociais em relação ao processo de deslocamento social rumo à integração e o rompimento do estigma herdado de um passado escravo.

Antônio Vieira nasceu em um quilombo em Tijuacu, distrito de Senhor do Bonfim, cidade do centro-norte da Bahia. Como muitas cidades do interior do Brasil, tem o seu surgimento ligado ao movimento de expansão territorial datada do século XVII, especialmente das entradas e bandeirantes – a primeira organizada pelo governo colonial e a segunda por particulares – que tinham entre os principais objetivos conquistar pedras e metais preciosos, capturar índios e estabelecer fazenda para a criação de gado que resultou no povoamento da região de Senhor do Bonfim. Podemos confirmar algumas dessas informações no livro: *Notícias e saudades da Villa Nova da Rainha, aliás, Senhor do Bonfim*:

Senhor do Bonfim nasce do agrupamento de homens de todas as procedências, como nos faz ver ainda o historiador Pedro Calmon (1983, p. 110): “A luta desdobra-se, correrá pelo curso dos rios, desalterando-se na preciosa água, onde se encontram paulistas, vaqueiros, mamelucos, janduis manejadores de azagaia”. O agrupamento à beira da lagoa veio depois da fundação do arraial de Missão do Sahy (1697), bem como após a instalação da “Freguesia Velha de Santo Antonio de Jacobina”, criada em 1682, sendo a sua sede o povoado de Santo Antonio, atual campo formoso. Enquanto Senhor do Bonfim não passava de uma rancharia de tropeiros, foi criada a vila de Jacobina, em agosto de 1720, se deu no arraial de Missão do Sahy. (...) Por outro lado, Senhor do Bonfim crescia lenta, firmemente, como nos faz ver Lourenço Silva (1915, p.80): “A atual e formosa cidade do Bonfim, soberba perspectiva encanta o observador, era então simples rancharia de tropeiros, situada à margem da estrada de boiadas, grande lagoa ainda existente nos fundos da praça da Matriz e Rua Visconde do Rio Branco”. (MACHADO, 2007, p.43)

Somente em 1750 a rancharia se transformara em arraial, ou seja, arraial de Senhor do Bonfim da Tapera. O nome arraial, que lhe fora dado, traz a ideia de um pequeno povoado; e o nome Senhor do Bonfim traz a marca da presença e devoção portuguesa. Já o nome tapera possui dois significados: pode se referir ao fato de que os primeiros tropeiros faziam pequenas coberturas, para ali repousarem, abandonando-as depois ao seguir caminho; como pode ser a recuperação histórica da presença indígena, visto que a beira da lagoa... Com certeza, viviam índios que ali construiriam sua aba. A criação da cidade de Senhor do Bonfim veio oito anos após a instalação da comarca de Villa Nova da Rainha. A Assembleia Provincial decide transformar a vila em cidade, o que se dá através da resolução n° 2499, de 28 de maio de 1885, com o seguinte teor:

Augusto Alvares Guimarães, bacharel formado em Ciências Jurídicas e Sociais, e Vice-Presidente da Província da Bahia.

Faço saber a todos os seus habitantes que a Assembleia legislativa Provincial decretou e eu sanciono a Resolução seguinte:

Art.1º. – A Vila Nova da Rainha fica elevada à categoria de Cidade, com a denominação de – Cidade do Senhor do Bonfim.

Art.2º. – Revogam-se as disposições em contrário.

Mando por tanto a todos as autoridades a quem o conhecimento e execução da referida Resolução pertencer, que a cumpram e façam cumprir tão inteiramente como nela se contém. O secretário d'esta Província e faça imprimir, Publicar e correr.

Palácio da Presidência da Bahia, em 28 de maio de 1885, 64º da Independência e do Império. (a) – AUGUSTO ALVARES GUIMARÃES. (MACHADO, 2007, p. 68)

Assim, a Villa Nova da Rainha, como relata o livro do professor Paulo Batista Machado, esperaria mais dois anos para ser instalada, fato ocorrido aos 7 de janeiro de 1887, pelo juiz de direito interino, Doutor Aurélio Pires de Carvalho e Albuquerque. A partir, então, dessa data, a Villa Nova da Rainha, passava a chamar-se de Senhor do Bonfim. Foi nesse contexto histórico que a cidade viria a ser uma das mais importantes do interior da Bahia e de fértil produtividade no setor de comércio e serviços. O comércio, portanto, corresponde  $\frac{3}{4}$  da geração de toda riqueza produzida no município e se constitui no principal alicerce em que se assenta a economia local para a viabilização dessa estratégia. (MACHADO, 2007, p. 170)

Fizeram de Bonfim o principal entreposto comercial e de serviços de toda microrregião e posição estratégica em relação a outros municípios: Campo Formoso, Antônio Gonçalves, Itiúba, Andorinha, Filadélfia e Jaguarari. Sua posição hierárquica e aglutinadora possibilita a força de um comércio de estrutura produtiva de grande atração de trabalho e renda. O setor de comércio e serviços fizeram de Senhor do Bonfim uma cidade de estrutura pujante para receber os mais variados visitantes das cidades circunvizinhas e da capital.

Os visitantes das mais variadas partes do Piemonte da Diamantina encantavam-se com a estrutura física de Senhor do Bonfim e suas belas casas, que segundo o professor de Artes Visuais e pesquisador da arquitetura bonfinense, Juracy Lima<sup>2</sup>, disse-me em entrevista que: “Observando as fachadas da maioria de algumas poucas construções mais expressivas, que ainda restam em nossa cidade, vamos perceber que algumas dessas construções possuem uma versão simplificada da arquitetura Neoclássica”. (LIMA, 2017)

Casarões de grande beleza e imponência, praças conhecidas por suas estruturas acolhedoras de seus idosos e crianças, armazéns e lojas espalhadas pelos mais variados bairros da cidade; praças decoradas por azulejos, flores, coqueiros grandiosos e centenários. A cidade de

---

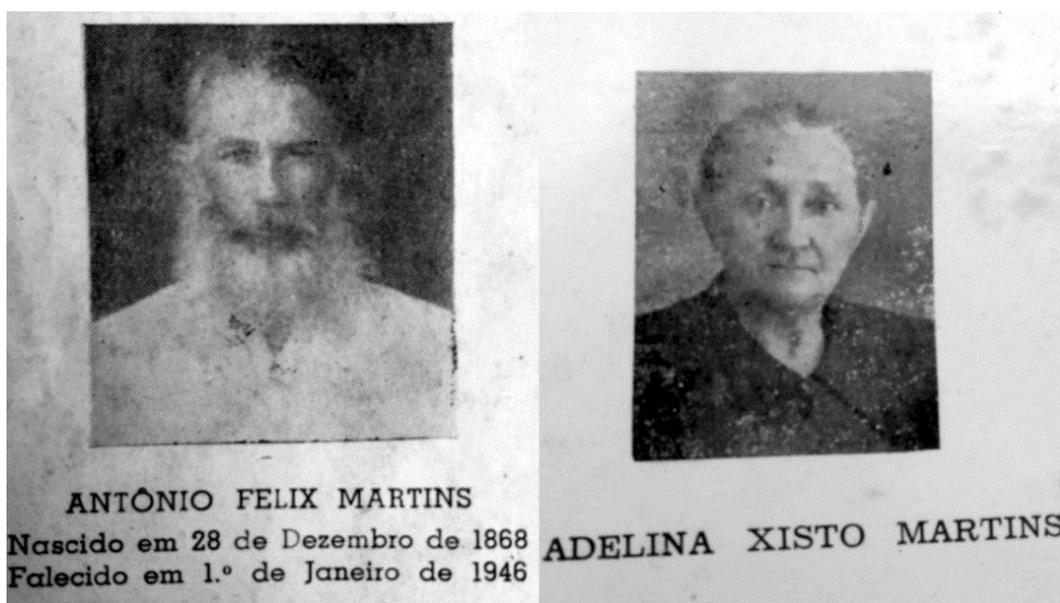
<sup>2</sup> Juracy Lima. Arte educador e artista plástico. Formado em Artes Plásticas pela UFBA Especialização em ensino de Arte pela UNB.

Senhor do Bonfim tem sua arquitetura pautada em uma herança de colonização portuguesa e de caráter neoclássico muito presente em suas construções, que segundo a pesquisadora Brunna Menezes<sup>3</sup>:

Esses edifícios neoclássicos são de uma época de produção arquitetônica dentro do ecletismo classicizante que fazem parte da conjuntura econômica do Brasil que começa se expandir a indústria. Então, uma nova classe média está emergindo, ou seja, essas edificações veem demonstrar o poder dessa nova classe média ao longo do século XX. (MENEZES, 2016)

Esse estilo refletia, também, a forte influência europeia na cidade e nas relações econômicas de classes e nas estruturas de prestigiosas famílias, ou seja, o nome das famílias, como em outras partes do Brasil, era sinônimo de prestígio social. Entre algumas famílias tradicionais residentes na cidade, podemos, segundo a historiadora, Carmélia Aparecida Silva Miranda<sup>4</sup>, citar os seguintes nomes: família Gonçalves, família Xisto, família Angelim, família Jambeiro, família Umbuzeiro, família Martins, mas a que se destaca pela sua força econômica, política e social é, sem dúvida, além da família Gonçalves, a família Félix Martins, representada pela figura patriarcal do coronel Antônio Félix.

Figura 2 - Antônio Félix Martins e Adelina Xisto Martins.



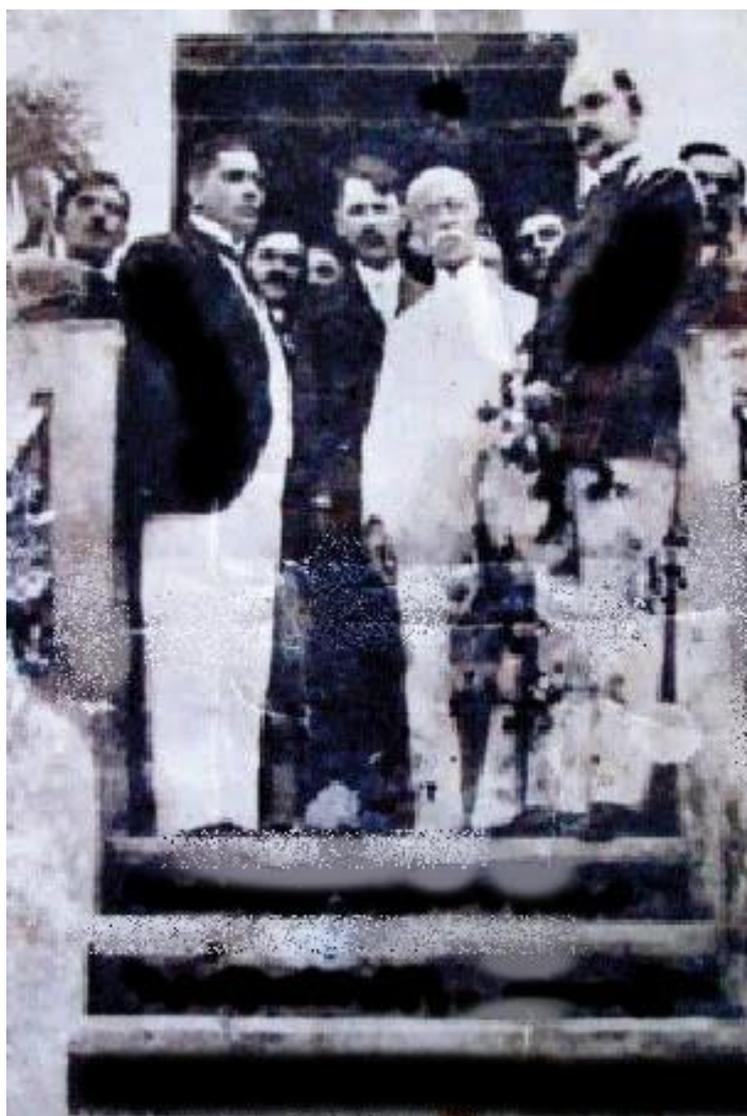
Fonte: Acervo pessoal.

<sup>3</sup> Brunna Karolline Matos de Menezes. Arquiteta urbanista, formada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

<sup>4</sup> Carmélia Aparecida Silva Miranda. Pós-doutorado em história, Universidade de Lisboa UL-PT. Doutora em História Social pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo PUC (2006). Mestre em História Social pela Pontifícia Universidade Católica (1999). Graduada em História UCSAL (1984). Atualmente professora titular da Universidade do Estado da Bahia Campos IV- Jacobina e professora permanente do Mestrado em História Regional e local – UNEB Campus V – Santo Antônio de Jesus.

O coronel Antônio Félix, está diretamente ligado à história do desenvolvimento comercial e agrícola da cidade de Senhor do Bonfim e ao coronelismo da época. Portanto, Antônio Félix e sua esposa, Adelina Xisto Martins, terão papel central na vida de Antônio Vieira e no distrito de Tijuaçu.

Figura 3 - Foto de Ruy Barbosa, em Senhor do Bonfim, dia 5 de dezembro de 1919, à entrada da residência em que se hospedou, pertencente, na ocasião, ao coronel Antônio Félix Martins. Nesta fotografia: Antônio Félix Martins, Salustiano Figueiredo Cordeiro de Miranda, Francisco Esteves da Silva, Ruy Barbosa e Bernardino Madureira de Pinho. A matéria no “Correio do Bonfim” datado de 5 de dezembro de 1919: Ruy Barbosa no sertão. Seja bem-vindo a nossa terra o maior dos Brasileiros.



Fonte: <<http://blogdomendesemendes.blogspot.com.br/2012/02/ruy-barbosa-no-sertao-um-toque-no.html>>.

O coronel Antônio Félix era um senhor de muitas posses, portanto, dono de muitas terras em Senhor do Bonfim e no distrito de Tijuaçu. Uma de suas propriedades está diretamente ligada à trajetória de Antônio Vieira como ponto de partida para a nossa análise: é a Fazenda

Lâminha, onde Antônio Vieira trabalhou ainda criança para família Félix como entregador de leite.

Os pais de Antônio Vieira, o senhor Marcolino Vieira da Silva e a senhora Carolina Maria da Silva, eram simples lavradores domiciliados e residentes no antigo Lagarto.

Portanto, os pais de Vieira trabalhavam na fazenda do coronel Antônio Félix, assim como a maioria dos moradores do quilombo na época. Essa relação entre coronel e o trabalhador, na época, gerava uma espécie de dependência comumente entre as famílias mais carentes como a de Antônio Vieira. Em Senhor do Bonfim, como na maioria dos interiores do Brasil, os coronéis estavam ligados ao monopólio político das esferas de articulação e prestígio. Os coronéis, portanto, tinham uma influência sobre os votos de seus eleitores ou também conhecido como voto de cabresto.

O coronel Antônio Félix, em sua época, era uma figura de grande influência política de Senhor do Bonfim e toda região. Um dos fatos que mais marcaram a trajetória política de Senhor do Bonfim foi, sem dúvida, a vinda do candidato à presidência da república Rui Barbosa. A vinda de Rui Barbosa a Senhor do Bonfim teve como um de seus principais articuladores o coronel Antônio Félix Martins, que o recebeu em um de seus casarões. Por conseguinte, o coronel possuía, também, muitos funcionários em suas propriedades espalhadas pela cidade; uma dessas propriedades é a Fazenda Lâminha, localizada no distrito de Tijuaçu, onde Antônio Vieira deu seus primeiros passos em sua relação com a família Félix Martins.

É a partir dessa relação, com uma família pertencente a uma elite bonfinense, que um menino pobre, do quilombo, encontrara sua grande oportunidade. Mas antes de adentrarmos nessa relação como a família Félix Martins, parece-me de extrema importância contarmos um pouco da origem do quilombo de Tijuaçu onde Vieira nasceu.

A história sobre a comunidade rural de Tijuaçu tem sua gênese ligada, segundo o livro *Vestígios Recuperados Experiências da comunidade negra de Tijuaçu-BA*, da historiadora Carmélia Aparecida, que afirma que:

Na narrativa que constituem uma síntese da trajetória de muitos negros que, ao fugirem da escravidão, buscaram, nas diferentes matas do interior do Brasil, o seu refúgio. Os depoentes contam com veemência as histórias ouvidas sobre Mariinha Rodrigues e confirmam, a sua ancestralidade ligada a essa escravizada africana, que fugiu do Recôncavo para Tijuaçu. (MIRANDA, 2009, p. 32)

“Tijuaçu constituiu-se como um lugar de refúgio de negros, tal qual aconteceu com algumas localidades do Brasil durante a escravidão” (MIRANDA, 2009, p. 33). Então, a partir

da memória dos mais velhos, mantém-se viva a tradição passada de pais para filhos na comunidade de Tijuáçu. É por essa tradição da oralidade e memória, que o povo de Tijuáçu reproduz a história de como a comunidade rural de Tijuáçu teria surgido segundo o livro *Vestígios Recuperados*:

A informante Edista, com muita desenvoltura, confirma, através de seu depoimento, a presença de Mariinha Rodrigues como fundadora e proprietária das terras desse perímetro quilombola. Desde a primeira visita feita a Tijuáçu, ouvimos de Valmir dos Santos e de outras pessoas mais velhas que lá residem, que a localidade teve início quando três escravas que estavam fugindo do cativeiro passaram a viver em Tijuáçu. Apenas uma permaneceu, que foi Maria Rodrigues. A partir daí toda história relatada pelos depoentes tem como protagonista essa ex-escravizada, que constituiu família, criando laços de parentesco e solidariedade no referido território. Nos diferentes quilombos existentes, a base da organização social era e família que garantia o cultivo dos diferentes produtos. Segundo Kabenguele, “o sistema de parentesco é a referência fundamental do africano. Não é a profissão, a nacionalidade ou a classe social”. Assim, a instituição familiar era a base da organização social dos quilombos e uma garantia de perpetuação da família. Essa tradição familiar é fortalecida na América portuguesa por esses descendentes de escravos africanos e perpetua até os dias de hoje em Tijuáçu e em outras comunidades negras rurais. (MIRANDA, 2009, p. 34)

Tijuáçu tem um passado ligado ao processo de escravidão na narrativa apresentada nos depoimentos encontrados no livro da professora Carmélia, *Vestígios recuperados*, os depoimentos do povo de Tijuáçu que apresentam a resistência das três escravas como narrativa de uma possível fuga da escravidão como força motriz do surgimento da comunidade rural de Tijuáçu e suas relações familiares. Mesmo que de formas diferentes, mas com viés que se encontram em um passado perverso da escravidão. Assim, Tijuáçu surgiu em meio ao desejo da liberdade e a fuga da cruel escravidão. Tendo em vista as sérias consequências de um passado de opressão no processo de reprodução de famílias que vivem do extrativismo, ou seja, resquícios de um passado escravo nas grandes fazendas. Sem falar do acesso precário a uma educação de qualidade. No entanto, a tradição cultural de um passado escravo não favorecia o negro, quilombola, a exercer profissões além das quais já estavam adaptados, estigmatizados pelo período da escravidão. Segundo o livro *Vestígios recuperados*:

É válido pontuar que a presença da mão-de-obra escrava, principalmente na Bahia, bem como em outras partes do país, durante a escravidão, foi absorvida em diferentes setores de produção: nas fazendas, nas casas e no comércio. Escravos e libertos, crioulos e negros africanos desempenhavam quase todas as funções da economia urbana e rural, das mais especializadas às menos qualificadas: eram carregadores, trabalhadores nos portos e nas oficinas, lavadeiras, quitandeiras, domésticas, artesãos e lavradores. (MIRANDA, 2009, p. 32)

É preciso entender a herança sociocultural do distrito de Tijuaçu<sup>5</sup> como ponto chave na vida do nosso protagonista Antônio Vieira em tempos pueris, ou seja, foi em meio a uma herança de uma escravidão que os reduziram a trabalhos braçais e ao analfabetismo que Antônio Vieira nasceu. Assim, a primeira escola que se tem notícia em Tijuaçu segundo o livro *Tijuaçu: uma resistência negra no semi-árido*, foi criada no Caldeirão do Mulato. Era chamada de “Casinha”. O professor se chamava Selvino e a iniciativa teria sido de Dona Adelina Xisto Martins (MACHADO, 2010, p. 35). Mas a educação pela oralidade, ou seja, boca em boca, passado de pais para filhos, de família para família, ainda vão sendo cultivados.

Desde criança as pessoas aprendiam como os mais velhos da família e da vizinhança a trabalhar em casa, na roça, como também praticar alguns trabalhos úteis na vida cotidiana. Por exemplo, as moças aprendiam com as mães, tias e vizinhas a cozinhar, costurar, bordar, fazer crochê. Os meninos desde cedo de manhã iam com os pais trabalhar na roça. Desde criança aprendia-se a catar feijão, quebrar mamona, cuidar dos animais domésticos, fazer esteira, vassouras, procurar as plantas comestíveis no mato. (MACHADO, 2010, p. 35)

A instituição família é uma rede de relações de organização social e educacional muito presente na reprodução e manutenção de suas raízes como uma comunidade quilombola, onde a educação pela oralidade tem seu papel vital de cultivar os seus costumes e tradições. Foi neste contexto da educação oral, que o menino Vieira foi criado como os seus pais, avós, tios, primos e toda comunidade rural de Tijuaçu. Assim, como os outros meninos do quilombo, o menino Vieira, aprendeu a trabalhar na roça, a quebrar mamona, a cuidar dos animais, a carregar leite e, portanto, estava fadado a reproduzir uma herança sociocultural de seus avós, que eram ex-escravos de origem ioruba (*yoruba*).

Essa herança de um passado escravo está por traz da posição dos negros em trabalhos braçais ainda mantidos, mesmo após abolição da escravidão. Estavam condenados a trabalhos que não acompanhavam o desenvolvimento de trabalhos técnicos e a manipulação de conhecimentos específicos para melhores posições sociais. Esse atraso gerou um prejuízo imensurável para o povo negro; e o estigma desse passado é uma espécie de fantasma que assombra

---

<sup>5</sup> Tijuaçu é o nome indígena relativo a um grande lagarto, comumente chamado na região de “teíú”, mas que também recebe os nomes de Tiú, Teiuguaçu, Tejuaçu, Teiú-açu, Temapara, Teju. O teiú é o maior dos animais dessa espécie na fauna brasileira e chega a ter dois metros de comprimento, incluindo-se a cauda que mede o dobro do tamanho do corpo. Do ponto de vista científico, o “Tijuaçu” é da ordem *Squamata*, da família dos *Teiidae*. Seu nome em inglês é *commontegu* e seu nome científico é *Tupinambis merianae*. Em língua indígena, Tijuaçu significa “Lagarto Grande”. Costuma habitar florestas, cerrados e caatingas, desova entre 30 e 36 ovos por postura, que eclodem após 60 a 90 dias de incubação. Tem um período de vida de mais ou menos 16 anos e se encontra em extinção na região, devido à caça indiscriminada. Embora se alimente de tudo, o teiú alimenta-se de larvas, vermes e insetos, sendo por isso útil. Durante muito tempo, antes da oficialização do nome Tijuaçu, o local foi chamado de “Lagarto”, ainda havendo pessoas que se refiram à comunidade com este nome. (MACHADO, 2007, p.141)

os que possuem a pele preta e vivem a personagem subserviente da comunidade de Tijuacu no período do menino Vieira.

Antônio Vieira, portanto, estava destinado pela trajetória de sua família, e comunidade, a ocupar os espaços do servilismo herdados das senzalas. Essa gangrena da escravidão, alojada no meio do povo de Tijuacu, reverbera em toda sua geração de filhos e filhas que se prostram pela força de suas necessidades físicas e sua ignorância hereditária. Era esse laço da desigualdade social que primeiro uniu o nosso personagem Vieira a família Félix Martins, ou seja, o laço da casa grande e a senzala. Por conseguinte, o laço da casa grande e a senzala deu a Vieira a oportunidade que o levaria a uma posição social não muito comum para um homem negro do quilombo no interior da Bahia naquela época.

Segundo Florestan Fernandes (2008, p. 26), “por acaso, quando passava a trabalhar e a viver na casa dessas famílias, a ‘criança negra’ melhorava o teor de suas experiências, podendo ‘aprender um ofício’ ou, mesmo, ser orientada para os estudos”. O menino Vieira passou a trabalhar e a viver na casa de seus patrões através de seus pais que prestavam serviços ao coronel Félix em sua fazenda no Tijuacu. A relação de Antônio Vieira com a família Félix era, a priori, uma relação de trabalho como toda relação de um menino negro e pobre da época. Essa relação viria a tronar-se uma espécie de um laço materno entre a senhora Adelina e o menino Vieira.

Essa relação seria o divisor de água na história do menino pobre do Tijuacu que viu sua vida regulada em relação à sua vivência em dois grupos desiguais e distintos da ordem estamental que os diferenciava. Essa experiência de poder transitar em dois mundos de aspectos muito diferentes da vida econômica, social e política, trouxe ao menino Vieira a realidade de traços contraditórios e mesmo conflitantes entre as culturas das famílias de elites e sua vida simples no quilombo.

Toda essa vivência com uma família branca o fez moldar-se ao processo de civilização dominante de seus patrões. Isso, portanto, permitiu uma melhor aceitação nos círculos restritos por meio da introjeção de certos traços de personalidade considerados mais aceitos na vida em sociedade. Assim, a relação do menino Vieira com a senhora Adelina Xisto teve seu início segundo o depoimento da sobrinha de Antônio Vieira, Osvaldina Fagundes Vieira de Jesus, que:

Com as idas da mãe do menino, Vieira, que sempre o levava para ajudá-la a fazer queijo na fazenda da família, Félix, juntamente com seus nove irmãos: Joana Viera, Beatriz Vieira, Mariana Vieira, Manoel Vieira, Dejanira Vieira, Rosa Vieira, Mariquinha Vieira e Josefa Vieira. Todavia, foi ao menino Vieira que a senhora Adelina Félix se apegou. (JESUS, 2016)

Essa preferência de apenas Antônio Vieira ser escolhido diante de dez filhos do casal Marcolino Vieira da Silva e Carolina Maria da Silva pareceu-me um ponto interessante a ser esclarecido, segundo a narrativa da Dona Osvaldina, o que levou Antônio Vieira a ser uma espécie de “escolhido” foram os dotes naturais de um menino que demonstrava maior capacidade de aprendizagem e disposição para o trabalho e, portanto, atendia em comparação a seus irmãos, aos interesses da senhora Adelina Xisto que o adotou. Essa relação que inicialmente era intrinsecamente profissional, devido à disposição para ao trabalho, e a esperteza do menino Vieira, seriam as características apreciadas pela senhora Adelina, segundo os relatos de Dona Osvaldina.

A natureza e a escala do poder gerado por recursos autoritários dependem não só da disposição dos corpos, regionalizados em percursos espaço-temporais, mas também das oportunidades de vida abertas aos agentes sociais. “Oportunidades de vida” significa, em primeiro lugar, as probabilidades de pura sobrevivência para os seres humanos em diferentes formas e regiões de sociedades. Mas também sugere toda a gama de aptidões e capacidades que Weber tinha em mente quando introduziu o termo. (GIDDENS, 2009, p. 307).

Segundo o relato do senhor Paulo Xisto Gama (2016), também criando pela senhora Adelina Xisto, Antônio Vieira foi adotado como filho assim como ele e uma senhora chamada Estela, que viria a ser mais tarde, a pessoa que o ajudaria em Salvador. O senhor Paulo Xisto disse-me que os três foram criados como se fossem irmãos pela Dona Adelina Xisto e que todos os três tiveram a oportunidade de estudar em uma boa escola na época. O senhor Xisto relatou-me, também que Antônio Vieira era um menino muito esforçado; trabalhava na fazenda da família Félix e mesmo assim conseguia um tempo para se dedicar aos estudos, mesmo muito cansado.

O senhor Paulo Xisto Gama (2016) conta que Antônio Vieira trabalhava trazendo leite da fazenda Lâminha, em Tijuaçu, para o casarão da família Félix, montado em um jegue, além de conciliar o estudo e trabalho, o menino Vieira varava a noite para dá conta das tarefas escolares. Todo esse esforço era admirado pelos outros filhos adotivos da senhora Adelina Xisto Martins, que não sabiam de onde Antônio Vieira tirava forças, diz o senhor Paulo Xisto. Era tanto, diz ele, “que acordávamos de madrugada e víamos Antônio Vieira lendo; ele era sem dúvida, muito esforçado”. (GAMA, 2016)

Todos esses relatos orais mostram-nos que o menino Vieira enfrentou desde muito pequeno a dura realidade de uma criança negra e pobre de uma comunidade rural de Senhor do Bonfim. Essas experiências, portanto, parece estar por trás dos efeitos que influenciaram, a posteriori, a sua vida acadêmica e obras poéticas. No prefácio do seu livro de poesia *Cantares*

*d'África - Songs of Africa*, Antônio Vieira, expressa toda a sua indignação como um homem negro, de origem quilombola, do sertão Baiano. Ele escreve:

Cantares d'África é o resultado de minhas observações pessoais em qualquer parte do mundo onde quer que existam negros e pobres. Note que negro e pobreza se confundem onde quer que estejam. Até no próprio continente negro, pois, o colonizador europeu, arrancou-lhe tudo. Em alguns países; até a cultura, dignidade e identidade, e o respeito humano lhes foram surrupiados. Lanço aqui, meu protesto e mando meu brado de indignação a tais descabros; e com a esperança de que este erro histórico seja corrigido o mais breve possível. (VIEIRA, 1980, p. 13)

Enquanto que a suas origens na comunidade rural de Tijuaçu deu ao menino Vieira a sua primeira experiência com a desigualdade, a injustiça e a escassez de comida e água entre seu povo. Entretanto, o menino Vieira foi criado em uma comunidade marcada pela forte herança africana do canto e da dança, ou seja, a capacidade de transmutar o sofrimento em música, é uma necessidade de sobrevivência e solidariedade entre aqueles que faziam uso do samba com alternativa de suas tristezas.

Foi neste contexto de sofrimento e escassez de água que surgiu o samba de lata como “a mais conhecida forma de expressão corporal de Tijuaçu nos anos de 1930 a 1932” (MACHADO, 2010, p. 50), foi em um período de estiagem que uma das mais fortes manifestações culturais de Tijuaçu surgiu. Como podemos verifica o depoimento da senhora Dalva no livro *Vestígios Recuperados*:

O início do Samba de lata, veio da pobreza. O povo mais veio cantano. Quebravam licuri, quebrando bago de mamona e acendiam fogo com aquelas frecha de licurizeiro, com aqueles talos de mamona. Eles faziam aquela rodona, aí essa muié que chamava Genoveva começava a contar estória, começava a bater lata e as minina, começavam. Pegavam umas letãs e faziam esse samba foi gerado assim. Foi assim, quebrano mamoninhas verdes, licurizinhos, com os filhos cantano, batendo lata, os maninos tudo... esse samba foi gerado assim, há mais de 60 anos. Essa rama que ta aí mais elas tudo já morreram começaram da pobreza. Esse samba de Lata de Tijuaçu aqui do Alto. (Fala de Dalva, entrevista pela autora em 26 de dezembro de 1998, em sua residência – Fazenda Alto Bonito). (MIRANDA, 2009, p. 114)

Foi nesse contexto de pobreza e escassez de água que a comunidade de Tijuaçu vivia na época de Antônio Vieira, que conheceu de perto a miséria de seu povo que indelevelmente marcaria os traços de sua intelectualidade e escrita poética. A suas poesias estão eivadas de suas observações pessoais sobre como ele mesmo disse em seu prefácio do livro *Cantares d'África*: “Canto e choro alegria e tristeza da minha gente negra e pobre espalhada por este mundão de meu Deus por onde andei, e, com ela senti. Não sei se faço bem mas tentar é preciso”

(VIEIRA, 1980, p. 13). Assim como o seu povo do quilombo que convertia a tristeza e a escassez em alegria através do Samba, o nosso personagem aprendeu desde criança a converter suas tristezas em arte.

Figura 4 - Samba de Lata em Tijuacu.



Fonte: Exposição fotográfica "Raça de Lata". Fotógrafo Marcos Cesário.

A música para Antônio Vieira era uma forma de espantar o sofrimento de uma vida de escassez e privações. Foi sua relação com a arte do canto e da dança, desde sua tenra idade, que Vieira aprendeu como seu povo do quilombo a driblar as peripécias da vida. São os ritmos incorporados dos africanos em sua comunidade que deu a Vieira a sua ligação direta com as mais diversas formas de expressões artísticas como: canto, dança e poesia. Assim, os fatores relacionados à sua origem humilde e a sua cor de pele, em sua época, iriam sendo enfrentados pela força de superação de um menino que crescia em meio a uma sociedade de coronéis.

Segundo o depoimento de Antônio Augusto de Oliveira Santana, um amigo de infância:

Vieira gostava muito de música e de cantar as canções de Luiz Gonzaga. Na época de estudante, aqui em Bonfim, o que se curtia era o encontro com os amigos e os papos descontraídos no beco do bazar, bem como as sessões de cinema no antigo Cine São José. A vida social aqui em Bonfim era pouca e grande parte da juventude daquela época tinha como "hobby" jogar sinuca e os namoros fortuitos com as garotas. Evidente, que devido à cor negra, que tinha, e por ser a sociedade bonfinense, "metida a elitista", deva ter sofrido preconceito. (SANTANA, 2017)

No relato do senhor Antônio Augusto de Oliveira Santana, podemos perceber um Vieira ligado à arte desde muito jovem como confirmação de sua herança africana. Portanto, o cantar, o dançar, era para Vieira, um instrumento que o ajudava, assim como o seu povo, a enfrentar os problemas em uma sociedade elitista com era a sociedade de Senhor do Bonfim dos anos 50. Uma sociedade marcada pela desigualdade, onde as oportunidades eram diferentes para os jovens como Antônio Vieira, ou seja, pertencia a uma comunidade que ainda hoje sofre com os julgamentos preconceituosos como podemos observar no relato da professora Carmélia:

Desde criança, residindo no referido município, fui testemunha dos modos de vida e dos costumes dos moradores desse distrito e de suas andanças pela cidade, como também observei o tratamento dado aos tijuacenses por parte da população de Senhor do Bonfim. Cresci ouvindo pessoas da cidade emitirem julgamentos preconceituosos e racistas sobre esses afrodescendentes. Muitos diziam que “os negros” do Lagarto eram preguiçosos, consumidores de bebida alcoólica, não gostavam de trabalhar e ficavam andando pelas ruas sem ocupação. (MIRANDA, 2009, p. 17)

O relato da professora Carmélia em seu livro, *Vestígios Recuperados*, mostra-nos os tristes relatos de preconceito em relação aos moradores da comunidade de Tijuacu. Aí talvez estejam os indícios de que provavelmente o menino Vieira tenha sofrido preconceito por pertencer a uma comunidade pobre e negra de Senhor do Bonfim. É provável, também, que por ter a oportunidade de circular em dois universos distintos – casa grande e senzala – o menino Vieira tenha se atentado à cultura das classes dominantes dos anos 50 em Senhor do Bonfim. Adaptar-se à cultura dominante de sua época significava, para o menino pobre do quilombo, uma melhor aceitação dentro da perspectiva elitista das famílias bonfinenses.

No entanto, ao moldar-se aos padrões de uma família que pertencia à cultura de elite da cidade de Senhor do Bonfim, Antônio Vieira aproximava-se intencionalmente de um perfil mais “aceitável” no processo civilizador dos dominantes de sua época. Essa aproximação do jovem Antônio Vieira a um perfil físico e intelectual que se aproximasse ao ideal das classes dominantes da sociedade bonfinense, corroborava com a reprodução do processo civilizador dominante em Senhor Bonfim dos anos 50. Dentro dessa mesma perspectiva, a senhora Estela Costa narra: “Toinho, como Ela o chama, era o único que queria alguma coisa, em comparação aos seus outros nove irmãos. Portanto, o Toinho além de ser muito trabalhador, era estudioso e um negro muito bonito”. (SOUZA, 2018)

A partir desta narrativa, podemos perceber o afastamento do menino Vieira da cultura popular e sua aproximação de uma cultura de elite. Além de possuir características de menino esforçado em suas tarefas diárias, Vieira gostava de estudar e, portanto, atendia a ordenação recursiva das práticas sociais da cultura dos letrados de sua época. Antônio Vieira, também

possuía, segundo o depoimento da senhora Estela Costa, traços físicos diferenciados dos outros negros de Tijuáçu, isto é, traços mais finos, mais apreciáveis pela cultura de elite branca, ela diz: “Toinho era um preto lindo! Tinha uma dentadura muito bonita, sem dúvida, diferente dos outros negros de Tijuáçu...” (SOUZA, 2018)

Essas narrativas demonstra-nos a expectativa quanto a certos requisitos, traços específicos, considerados apreciáveis em um negro aspirante a uma posição na vida em sociedade. Dos dez filhos do casal Marcolino Vieira e Carolina Maria da Silva, apenas o menino Vieira possuía esse perfil, segundo os entrevistados. Estas possíveis qualidades narradas sobre Antônio Vieira deu-lhe uma melhor absorção ao mundo das elites bonfinenses, realidade, até então, distante de um menino negro e pobre da comunidade rural do sertão da Bahia.

A oportunidade de estar em dois mundos antagônicos parece ter gerado em Antônio Vieira visões densas da sua real condição como menino negro e pobre de uma comunidade quilombola de Tijuáçu. Portanto, a sua inserção em um círculo normativo, da vida social, era o único meio pelo qual poderia galgar uma vida mais confortável em relação ao seu povo. É o que parece ao ouvir os relatos dos entrevistados como o da senhora Estela Costa: “Toinho pediu a minha avó Adelina para estudar nos Maristas, uma escola da elite da época. Minha avó Adelina disse a ele: se eu matriculá-lo e você perder? O menino Vieira respondeu: Eu garanto a senhora que eu não perderei...” (SOUZA, 2018)

Esta narrativa da senhora Estela tem um caráter desvelador de um menino que entende a importância dos estudos como ferramenta de transformação. Antônio Vieira, parece ter percebido, pelos estímulos de uma família branca e pertencente a uma elite bonfinense, que se ele não reproduzisse os hábitos das elites brancas da época, ele não se integraria em uma sociedade de classe. O menino Vieira teve que praticamente renunciar aos hábitos de seu povo quilombola e reproduzir práticas de relações sociais aceitas pela sociedade de seu tempo, como podemos certificar no livro *A constituição da sociedade*, de Anthony Giddens:

Ao analisar relações sociais, temos de reconhecer tanto uma dimensão sintagmática, a padronização de relações sociais no tempo-espço envolvendo a reprodução de práticas localizadas, quanto uma dimensão paradigmática, envolvendo uma ordem virtual de “modos de estruturação” recursivamente implicados em tal reprodução. (GIDDENS, 2009, p. 20)

Sua integração no mundo dos brancos deu-se por suas ações paradigmática que reproduziam traços que o legitimava a dar os próximos passos no processo da vida competitiva. Segundo o relato do Dr. Gustavo Eduardo Teixeira da Rocha (2017), Antônio Vieira foi o único menino negro “adotado” pela senhora Adelina Xisto e o único, também, a querer estudar. Esta

força de vontade era tanta, que superava até mesmo crianças brancas e pertencentes a famílias de elite da época.

Antônio Vieira parece ter utilizado de signos que o aproximasse de uma imagem prestigiosa, honrada ou posição de classe mais desejável, isto é, incorporando os hábitos “legitimados” das elites. Assemelha-se a uma cultura mais aceita aos padrões de sua época, parece a única decisão efetiva a ser tomada pelo negro estigmatizado pelo passado escravo. Portanto, a sua adesão ao estudo foi o caminho de sua introdução eficiente rumo à universidade.

## 6 ANÁLISE DAS IDEIAS DE NEGRITUDE NAS OBRAS DE ANTÔNIO VIEIRA

Figura 5 - Livro publicado em 1972. Capa: Humberto. Ilustração: Roberto. Impresso no Brasil – Printed.

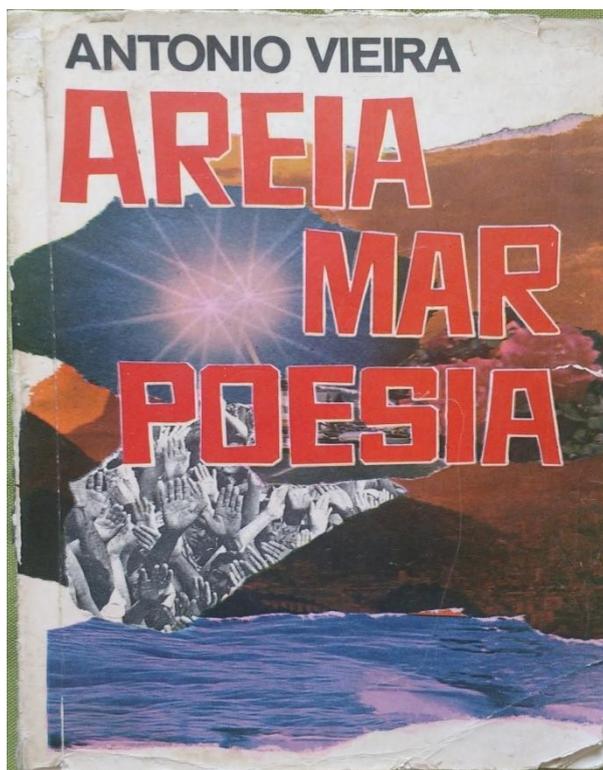


Foto: Acervo pessoal.

Antônio Vieira possui três principais grandes obras: *Areia, mar, poesia* (publicada em 1972), *Cantos, encantos e desencantos d'alma* (publicado em 1975), *Cantares d'África* (publicado em 1980). São obras de cunho poético onde o autor expressa toda sua indignação como um homem negro sensível as condições do seu povo negro.

Antônio Vieira é um “negro consciente de sua raça, que não se esgota em clamores racistas, plenos de agressividade”, cabendo em seus textos a “beleza do ébano” e a “alvura do marfim”. Para ele, Vieira também se configura como um exímio observador da realidade, sendo capaz de traduzir em versos as mais simples e as mais complexas vivências humanas. Já de acordo com Robert Eliot Fox, em seu prefácio *Cantares d'África*, Antônio Vieira produz em seus livros um testemunho africano de manifestação de negritude, de seus compromissos com a causa do oprimido, do pobre, as da terra cujas canções são raramente ouvidas em sua riqueza, exceto por aqueles que vivem entre eles. Vieira vem da terra, ele fala da terra. Ele tem viajado por mundos vários, mas sempre volta às raízes. Política, pobreza, poesia estão entrelaçadas com samba que celebram uma consciência. O autor, estrela andarilha/peregrina, viajou para África e se re-enraizou, reorientou-se para uma verdadeira volta ao lar. (ANTÔNIO VIEIRA, 2018)

As obras poéticas de Antônio Vieira possuem características de engajamento político e crítico das injustiças sociais contra o povo negro. Esse engajamento, através de sua poesia, tem como ponto de partida a sua trajetória pessoal como um homem negro de origem humilde do sertão baiano. Tal experiência trouxe-lhe fatos concretos da vida em um distrito pobre do sertão baiano e após a sua entrada na Universidade Federal da Bahia (UFBA), em Salvador, Antônio Vieira passou pelo processo de esclarecimento que o levava ao entendimento crítico das condições do negro como uma figura injustiçada pela estrutura de um passado de escravidão.

A sua primeira obra de poesia intitulada *Areia, mar, poesia*, de 1972, é o resultado das andanças e observações pessoais do próprio autor pelo mundo. Antônio Vieira, na introdução do seu primeiro livro *Areia, mar, poesia*, diz-nos: “Tive muitas andanças e transas mil. Daquilo que observei por lá, hoje lhes dou em forma de versos” (VIEIRA, 1972, p. 6). Portanto, o que viria a ser o seu primeiro livro de poesia, foi escrito nos anos em que Antônio Vieira ensinava na Universidade de Kansas, USA, 1971, ano em que Antônio Vieira era professor de Línguas e Estudos Brasileiros, na respectiva Universidade.

Foi nesse contexto internacional que o professor e poeta, negro, Antônio Vieira começou a escrever seus primeiros poemas em seu livro *Areia, mar, poesia*, que possui uma característica de cunho mais melancólico onde o autor externa seus amores, paixões, reflexões e lembranças dos anos em que viveu na fazenda Lâminha, em Senhor do Bonfim, e toda sua visão filosófica da vida. Entretanto, podemos encontrar, também, em seu primeiro livro de poesia, a manifestação de sua negritude, logo na primeira poesia de seu livro, intitulada *Evocação a minha Raça*, que diz:

Sou negro  
 De raça e de cor  
 Sou bom de vida  
 E de amor  
 Não nego minhas origens  
 Orgulho-me delas.  
 Sou negro.  
 Negro, negro e negro.  
 Sou a vida.  
 Sou a música.  
 Eu sou a força viva do universo  
 Que desfalece  
 Dum continente  
 Que desde antanhos  
 Tempos padece.  
 Seja negro, brother,  
 Seja gente  
 Sei que disso  
 Você não esquece.  
 Por ser negro

Não se padece  
 Orgulhe-se disso.  
 Honre e queira a noite  
 Seja homem. Gente  
 E decente  
 Ser negro  
 É ser gente,  
 É ser belo.  
 Sou negro. (VIEIRA, 1982, p. 8)

A primeira poesia do livro *Areia, mar, poesia*, intitulada *Evocação a minha Raça*, faz um chamado a todos os homens e mulheres negros a refletir sobre sua negritude e autoestima do povo negro. Que a partir de suas andanças pelo mundo, Antônio Vieira pode ver, sentir, refletir, criticamente, os problemas enfrentados pelos negros por onde ele andou. O seu espírito cosmopolita o levava aos mais variados países pelo mundo, como: Estados Unidos, França, Alemanha, Inglaterra, Espanha e, claro, sua terra mãe, África. Essas andanças de uma alma peregrina, portanto, trouxe-lhe o tirocínio necessário para suas poesias mais engajadas. No mesmo livro, *Areia, mar, poesia*, a poesia com o título em francês, *Savoir Vivre* (Saber Viver), Antônio Vieira diz:

Desejo viver alegre  
 Depende do meio  
 Que me trouxe dissabor  
 Hell as convenções  
 Meio, cores e raças.  
 Gente é gente  
 Povo é povo  
 Seja onde for.  
 A cor? O que é cor?  
 Por que divisões  
 Entre irmãos?  
 Formalidade e desamor?  
 Paremos. Pensemos  
 E ajamos como gente.  
 Pensemos com amor  
 Vejamos quantos sofrem  
 Observemos  
 Quanta falta de calor  
 Pare, pense  
 Aja e vença  
 Há disparidades  
 Entre os mundos  
 Que necessitam só amor.  
 Pensai. Pensai. Executai  
 Meus caros senhores.  
 Pensai, pensai e executai.  
 Tenhamos PAZ. (VIEIRA, 1972, p. 13)

Logo no início da poesia *Savoir Vivre*, o poeta Antônio Vieira expressa um olhar interessante, do ponto de vista da sociologia estrutural, pela qual, observa-se o meio como um

componente estruturante do racismo cultivado da vida social. Portanto, os hábitos adquiridos de um passado “caduco”, ainda insistem em manter-se vivo na consciência social. Alimentando-se da tradição hereditária que se perpetua por meio de signos que nos dizem, a priori, a imagem que tomamos dele como segura. O pequeno trecho da poesia *Savoir Vivre* diz assim: “Desejo viver alegre dependo do meio que me trouxe dissabor” (VIEIRA, 1972, p. 13). Este pequeno trecho, da poesia *Savoir Vivre*, expressa argutamente análise estrutural do próprio autor em sua observação da reprodução do meio que lhe trouxe o dissabor apesar do desejo de viver alegre.

Esta assimetria entre a subjetividade do sujeito e o meio exterior, é um campo complexo que vai além do que propomos aqui. Porém, a suas relações podem ser parcialmente debatidas em um contexto de uma sociologia interpretativa com objetivo de entender o significado subjetivo que se refere ao indivíduo ou grupo. Portanto, o meio que me trouxe dissabor, é o meio estruturado para um grupo que possui certas características físicas, ideológicas, sociais e econômicas. Assim, o indivíduo que não possui certas características, apreciada pelas estruturas de poder, tendem ao dissabor do meio.

Então, devido a esta relação conturbada entre o sujeito e o meio estigmatizado gera uma espécie de neurose da comparação e a busca pela aceitação de seu estigma congênito. Como? Bem, através dos mecanismos da imitação do que se considera um modelo, ou seja, um padrão a ser alcançado. Sua aproximação do ideal é a meta do estigmatizado; é a busca de evoluir suas potências como profissional a fim de recompensar seu estigma. Todavia, ao mitigar o impacto das relações entre sujeito e meio, isto é, buscando superar-se além dos seus pares e além dos aceitos pelas estruturas de poder, o indivíduo, pelo nível de informação obtida, pela busca de ser aceito, tendem a entender os mecanismos de opressão do meio.

A compreensão das estruturas, pelo estigmatizado, congênito, traz o dissabor do meio, expresso em sua poesia *Savoir Vivre* que diz: “Pensai, pensai e executai”. O vocativo, “pensai”, evoca a reflexão do sentido da disparidade dos mundos onde o negro não se sente encaixado. Então, os negros encontram os mais variados obstáculos impostos pelo meio. Antônio Vieira, portanto, vem por meio de sua poesia intervir no mundo; como forma de influenciar o processo por meio de sua arte poética.

Ser capaz de “atuar de outro modo” significa ser capaz de intervir no mundo, ou abster-se de tal intervenção, com o efeito de influenciar um processo ou estado específico de coisas. Isso pressupõe que ser um agente é ser capaz de exibir (cronicamente, no fluxo da vida cotidiana) uma gama de poderes causais, incluído o de influenciar os manifestados por outros. A ação depende da capacidade do indivíduo de “criar uma diferença” em relação ao estado de coisas ou curso de eventos preexistente. Um agente deixa de o ser se perde a capacidade para “criar uma diferença”, isto é, para exercer alguma espécie de poder. (GIDDENS, 2009, p. 17)

Sua poesia possui o olhar crítico de quem sentiu na pele, negra, o dissabor de um meio preconceituoso da vida em sociedade. Que impõe obstáculos aos desfavorecidos no processo de integração social devido ao atraso de um passado mutilador. Parece-me que: os mesmos que os mutilaram são os mesmos que concedem as muletas, que não substitui o membro perdido, mas os auxilia a “capengar”. A possível avaliação parece dura, mas quando o poeta indaga em sua poesia *A cor? O que é cor?*, bem, o conceito de cor na física é a luz refletida ou absorvida pelos corpos. Não parece um conceito que o autor queira transmitir, mas sim a cor no seu sentido ideológico, segregacionista, deletério do termo cor.

Antônio Vieira através de sua poesia desvela as ideologias impostas pelas estruturas de poder e como os negros absorvem certos conceitos distorcidos. O entendimento de certos processos estruturais é a forma de denunciar os métodos de opressão sofridos pelo povo negro desde a escravidão. Por conseguinte, os negros são submetidos a uma espécie de escravidão intelectual cujos códigos são impostos pelo meio. No livro *A integração do negro na sociedade de classes*, de Florestan Fernandes, podemos ver a seguinte citação:

Empregando-se um eufemismo de linguagem, poder-se-ia dizer que a sociedade de classes abriu as suas portas aos “homens de cor”, sob a condição de que se mostrassem capazes de enfrentar e de resolver os seus problemas de acordo com o código ético-jurídico que ela instituía. Mas, na realidade, ela transferiu para os ombros deles a pesada tarefa de prepararem, sozinhos, a “redenção da raça negra”. (FERNANDES, 2008, p. 298)

Depois do efeito nefasto da escravidão, o negro ficou com tarefa de emancipar-se do estigma de seu passado escravo. Porém, os negros após escravidão não possuíam os códigos aceitos pelo sistema excludente, ou seja, não eram adaptados a certos processos necessários para a sua ascensão social. Assim, o negro via-se entregue a dependência de seus patrões como porta de entrada a integração social. Antônio Viera, portanto, conhecia muito bem esses processos, por isso expressava-os em sua poesia como forma de desabafo.

Em seu segundo livro de poesia *Cantos, encantos e desencantos d'alma: green blue shadows*, Antônio Vieira faz um pequeno prelúdio, logo no início do segundo livro, que diz: “Creio ser um grito de desabafo a uma vida corriqueira, monótona, amorosa, falsa, cruel, ilusória, ingrata e preconceituosa que temos tido; sem que ninguém queira relatá-la ou denunciá-la” (VIEIRA, 1975, p. 6). Este pequeno trecho do livro é extremamente revelador quando se trata da realidade de um homem negro que conhece de perto as condições enfrentadas pelos homens e mulheres negros no processo de ascensão social. Então, com o objetivo de relatá-la ou denunciá-la, como o próprio autor afirma na introdução de seu segundo livro, a poesia intitulada *Grças a quem merece*, o poeta denuncia:

Vi chorando em praças públicas,  
 olhos tristes, rútilos, esbuguelados;  
 raivosos e fremindo de dor.  
 Negros cansados e pobres,  
 Reclamando do país que com suor criaram  
 E, que agora,  
 Não lhes dava amparo.  
 Queriam justiça.  
 Compreensão pacífica.  
 Igualdade de trabalho,  
 Oportunidade, amor.  
 Desejam ser gente  
 Como seus outros irmãos  
 Que pelo mundo  
 Cantam, dançam, trabalham,  
 Lutam por dias melhores  
 (com iguais oportunidades)  
 E que também querem, unidos  
 Sem discriminação ou opressão  
 De raça, cor ou religião  
 Mostrar a este mundo adverso à sua cor;  
 Seu poder de realização.  
 Até aqui, século quase vinte e um,  
 O negro só tem visto escuridão,  
 Na vida escravidão e humilhação. (VIEIRA, 1975, p. 75)

O poema *Graças a quem merece*, do seu segundo livro *Cantos, encantos e desencantos d'alma*, possui uma característica de denúncia das injustiças sociais, das discrepâncias de oportunidades entre negros e brancos e seu olhar afrocêntrico da vida cotidiana, que reproduz a opressão sobre os desfavorecidos dos tempos de escravidão que, segundo o poema, os negros cansados e pobres reclamam do país que com suor criaram. Aqui, Antônio Vieira (1975) reflete sobre a dívida do país com os negros jogados a própria sorte sem o devido amparo da integração do negro, que como seus irmãos, cantam, dançam e trabalham.

Assim, o desabafo de Antônio Vieira é a esperança de uma democracia de oportunidades para aqueles que desejam mostrar suas potencialidades, engessadas pelas estruturas de poder. No mesmo livro Antônio Vieira diz: “Lutei pela vida honrada, para não ser vil, não ser servil. Deparei-me com um torpe, tétrico, desumano mundo; onde virtude às vezes, dá vergonha” (VIEIRA, 1975, p. 91). Esse pequeno trecho da poesia *O voo manco da cegonha*, parece refletir uma analogia a condição do negro que manqueia, seu árduo caminho, rumo a voos mais altos. Porém, o seu voo manco é a luta para não ser mais servil como fora, em tempos antanhos, seus pais, avós e toda sua comunidade negra.

Então, diante da deficiência adquirida pela cegonha o seu voo é naturalmente comprometido, isto é, ela não voa como voa as cegonhas saudáveis, mas deparam-se com os fatores, limitantes, da deficiência congênita ou adquirida. Assim, analogia da deficiência “congênita ou

adquirida” da cegonha, parece está diretamente relacionada, aos negros que possuem tanto o estigma congênito, relacionado à cor da pele, quanto o estigma da escravidão, relacionado ao estigma adquirido. Estes estigmas, portanto, geram as barreiras, os obstáculos, as discrepâncias da vida competitiva em sociedade pela qual o poeta Antônio Vieira conhecia muito bem e denunciava em suas poesias.

O próprio Antônio Vieira, no processo de ascensão social, passou por diversas dificuldades para chegar onde chegou, ou seja, para ocupar o *status* de professor universitário. Antônio Vieira enfrentou muitos obstáculos, pelos quais, são traduzidos em suas poesias como forma de desabafo e denúncia. Teve, por exemplo, sua trajetória pautada por uma família branca, que fora sua porta de entrada para universo da vida competitiva. Porém, a sua sensibilidade e luta pessoal são fatores decisivos para a sua ascensão na vida social, ou seja, tais experiências pessoais talvez tenham inspirado a poesia do voo manco da cegonha, que expressa a herança da dependência do ex-escravo em relação ao senhor.

Semelhante visão da realidade racial pressupunha uma solução extremamente lenta e sob muitos aspectos iníqua do problema negro. Sem que se atentasse para isso, a filosofia política dessa solução repousava no antigo modelo de absorção gradativa dessa solução repousava no antigo modelo de absorção gradativa dos “elementos de cor” pelo peneiramento e assimilação dos que se mostrassem mais identificados com os círculos dirigentes da “raça dominante” e ostentassem total lealdade a seus interesses ou valores sociais. (FERNANDES, 2008, p. 308)

A mobilização dos descendentes de africanos, na época de Antônio Vieira, deu-se principalmente pela assimilação dos círculos, dirigentes, como padrão a ser reproduzido das elites predominante brancas. A não reprodução dos padrões – aceitos – significar-lhe-ia a não integração do negro em uma posição de destaque na vida social. Portanto, a fundamentação de tal negritude, expressa nas poesias de Antônio Vieira, é a dolorida experiência de ser negro no processo de acesso social. Contudo, a poesia de Antônio Vieira busca erigir um cortejo de ideias críticas, sobre a condição do negro no Brasil, em sua poesia intitulada *Africanos Afro-brasileiros*:

Meus irmãos que de longe vieram  
Em barcos infectos e imundos  
Tangidos por ventos que a natureza criou  
Açoitados como quaisquer animais,  
Vis, tristes, selvagens e irracionais.  
Vocês, meus irmãos pretos velhos  
Que da África chegaram, traziam a sina de ser escravos,  
Viver sob o signo do infortúnio –  
a Escravidão.  
Chegados, aclimatados, aculturados. Açoitados.  
Agricultores, serventes de casa ricas,  
cresceram na tristeza da terra que  
longe ficou.  
Veio canto,

Surgiu a música  
 A dança,  
 Pra sufocar o pranto.  
 Misturou-se tudo.  
 Surgiu o carnaval que é a coisa mais original  
 Implantada em terras distantes  
 Pra sufocar a dor, a angústia  
 e esquecer o falso amor.  
 Meus irmãos africanos, de ontem, de hoje e de amanhã  
 Aqui estamos pra lhes render louvor,  
 A um povo antigo  
 pleno de mitos,  
 história de luta e sofrimentos.  
 Merecem, irmãos, os elogios,  
 os lauréis que a história  
 à raça negra  
 e irmãos africanos, sempre negou. (VIEIRA, 1975, p. 109)

A consciência de sua negritude na poesia *Africanos Afro-brasileiros* traduz a ótica de quem sentiu na própria pele a interseção dos signos de identificação do negro a certos tipos de trabalhos, naturalizados, na consciência coletiva. Como podemos observar no trecho da poesia que diz assim: “Agricultores, serventes de casa ricas, cresceram na tristeza da terra que longe ficou”. Como foi relatado no primeiro capítulo deste trabalho, Antônio Viera nasceu em uma comunidade rural da cidade de Senhor do Bonfim, conhecida em sua época como Lagarto, hoje, quilombo do Tijuauçu. Na época, Vieira e toda sua comunidade trabalhavam nas fazendas dos coronéis como agricultores e serventes das Casas Grandes, ou seja, trabalhos que dispensam a habilitação profissional.

Toda esta experiência vivida, em sua comunidade rural em Senhor de Bonfim, o habilitava a descrever com solidez a posição, naturalizada, do negro na sociedade que o estigmatizou em posição inferior na hierarquia do trabalho e da subserviência de uma cultura atrasada. Essa visão deletéria, do negro, engendra as disparidades da vida competitiva, ou seja, os negros veem-se diante da consciência social criada no *ethos* de um passado escravo.

O próprio Antônio Vieira foi servente na Casa Grande da família Félix durante boa parte de sua vida, assim, o autor entende de perto os processos dos negros aclimatados, aculturados pela cultura do homem branco. Porém, viver sob o signo do infortúnio da escravidão, como diz sua poesia, traz ao negro a necessidade irrefragável da arte, como válvula de escape de sua real condição; ele diz: “surgiu à música, a dança pra sufocar o pranto”. A experiência artística de Antônio Vieira nasceu de sua comunidade rural de Tijuauçu, onde, desde criança, se ouvia a musicalidade, negra, como canto, a dança e o samba.

O canto e a dança sempre estiveram presentes na natureza dos africanos em diferentes momentos do seu cotidiano. Machado Filho (1943, p. 61), estudou algumas sobrevivências de vissungos na área de São João da chapada, municipal de Diamantina (sua

atenção foi despertada pelo fato de a maioria dos versos serem cantados ainda com palavras africanas): Os negros no serviço cantavam o dia inteiro. Tinham cantos especiais para a manhã, o meio dia e à tarde. Mesmo antes de o sol nascer, pois em regra começava o serviço alta madrugada, dirigiam-se à lua, em uma cantiga de evidente teor religioso. (MIRANDA, 2009, p. 113)

Portanto, o meio em que Antônio Vieira nasceu deu-lhe a força e a acidez da realidade do negro em seus versos poéticos e todo o seu arcabouço crítico da vida acadêmica. Por conseguinte, Antônio Vieira rompeu com o *ethos* de sua comunidade ao agir de modo diferente dos seus pares, ou seja, buscou não reproduzir padrões de trabalhos, tidos como certos, para um menino negro e pobre de uma comunidade rural chamada Lagarto, na época. Essa quebra de recursividade do trabalho, como agricultores e serventes de casa ricas, gera a possibilidade de intervir no processo onde o indivíduo é capaz de criar uma diferença.

A quebra nas práticas sociais reproduzidas gera o potencial de ser e agir diferentes dos que vieram outrora. Portanto, a poesia de Antônio Vieira parece exibir uma gama de experiências próprias e adquiridas pela universidade, como forma de influenciar o processo de condições do negro por meio de sua poesia de cunho crítico. Antônio Vieira, portanto, exalta o negro por sua história de luta e sofrimento, e os elogia com lauréis, como diz sua poesia, que a história negou.

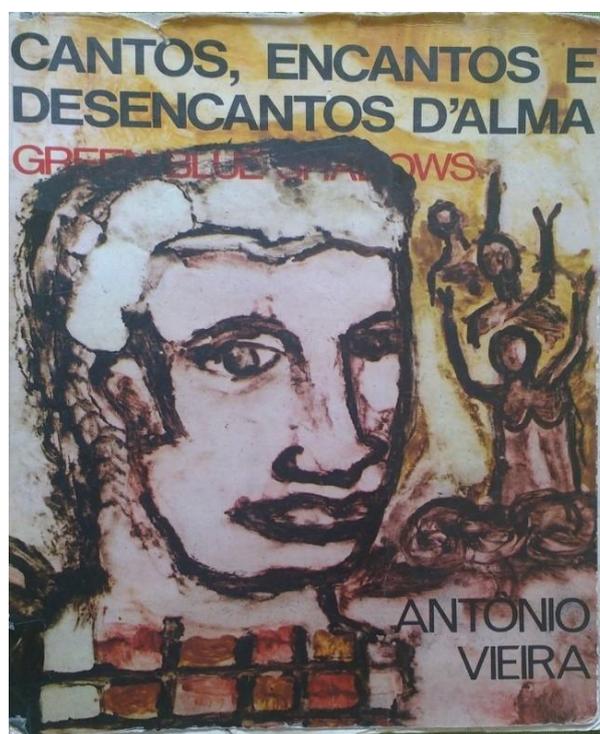
Contudo, o livro *Cantos, encantos e desencantos d'alma* finaliza com uma poesia dedicada ao “maior jogador do futebol do planeta”, Edson Arantes do Nascimento, Pelé, que é, sem dúvida, o brasileiro mais conhecido no exterior. A poesia intitulada *O supercraque*, escrita em Salvador (junho de 1975), é uma homenagem de Antônio Vieira ao rei do futebol pelo modelo de identidade e orgulho negro. A poesia diz assim:

Pelé  
 deus de ébano  
 rei café perna de ouro  
 coração firme  
 um verdadeiro tesouro.  
 Pelé  
 procurado e caçado  
 no campo, igual fera  
 admirado por todos.  
 Dos goleiros? – o terror.  
 Pelé  
 Do futebol é o rei,  
 Esta profissão,  
 ele a dignificou e prestigiou.  
 Fê-la crescer,  
 fez muita gente sorrir  
 também fez o mundo chorar  
 amargas lágrimas – as derrotas.  
 Pelé  
 O ídolo da massa,

nosso deus negro  
 alegria de um povo  
 modelo e orgulho de minha raça.  
 Pelé santo negro demolidor  
 Senhor dos “goals” e alegria.  
 Dos goleiros, o pavor... (VIEIRA, 1975, p. 113)

A poesia, *O supercraque*, expressa a importância da representatividade do negro nos espaços de prestígio social, como modelo a ser reproduzido por seu efeito benéfico na autoestima do povo negro. A trajetória de Edson Arantes do Nascimento, Pelé, no futebol, representado a identidade negra, louvável, por sua importância na desconstrução do negro além de sua posição subalterna. Assim, como Pelé, Antônio Vieira cita o cantor e compositor Gilberto Gil em seus livros de poesia, não como uma poesia dedicada, mas como frases tiradas de composições do cantor.

Figura 6 - *Cantos encantos e desencantos d'alma*, publicado em 1975.



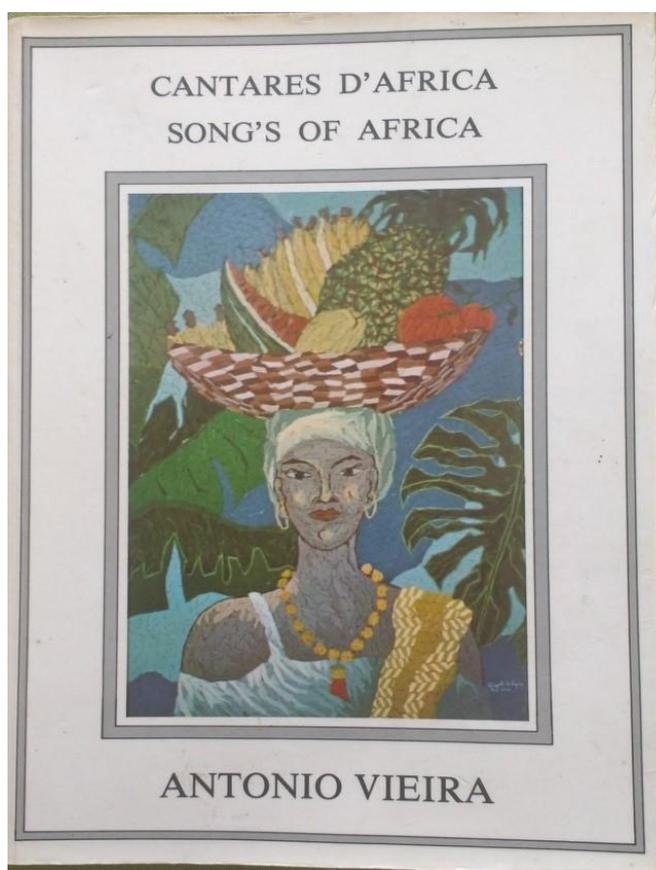
Fonte: Acervo pessoal.

Antônio Vieira, procura em sua poesia – *O supercraque* – trazer o modelo de sucesso do rei Pelé como identidade e orgulho do povo negro. Essa imagem do ídolo negro traz a importância da representatividade nos espaços de poder e o distanciamento do estereótipo da escravidão. Portanto, a sua poesia traz o arquétipo do negro em posição de visibilidade social,

além dos trabalhos como agricultores e servidores da casa grande, com a possibilidade de galvanizar o orgulho negro e sua potencialidade.

O livro *Cantares d'África, Songs of Africa* é o seu último livro de poesia publicado por Antônio Vieira. O livro *Cantares d'África* foi publicado em 1980, ano em que Antônio Vieira era professor e coordenador dos estudos Luso-Brasileiros, Literatura e Língua Brasileira no Departamento de Línguas Europeias modernas na Universidade de Ife em Ilé-Ife, Nigéria. Também foi o mentor do convênio bilateral entre a Universidade de Ife e a Universidade de São Paulo. Deste modo, o livro *Cantares d'África*, é fruto de sua vivência como professor universitário em terras Africanas.

Figura 7 - Livro publicado em 1980. Obra Bilíngue. Título em inglês: *Songs of Africa*. Capa e ilustrações internas com reproduções de quadros do artista plástico Angelo Schepis.



Fonte: Acervo pessoal.

Este último livro, em relação aos dois primeiros, traz o seu olhar mais cosmopolita de sua negritude, não que os outros não os tenham, mas este, em especial, apresenta-se com maior virilidade de sua negritude que se re-enraizou em sua experiência na terra mãe. No prefácio de seu terceiro livro de poemas diz assim: “Que se quebrem as correntes/elo após elo. Este

é o objetivo: poemas que perseguem o opressor e põe-no a correr para enraizar-se no domínio da liberdade” (VIEIRA, 1980, p. 9).

Figura 8 - Antônio Vieira entregando o seu livro ao cantor e compositor Roberto Carlos.



Fonte: Acervo pessoal.

O livro *Cantares d'África* traz o reconhecimento da ancestralidade do negro e da força de suas tradições religiosas como um ponto forte do seu terceiro livro de poesia. Antônio Vieira, “sendo de Ogum e Oxalá, topou a parada pelas escaladas tortuosas da vida e tudo venceu a duras penas”<sup>6</sup>. Esse pequeno trecho de sua declaração religiosa está descrito logo na orelha do livro *Cantares d'África*, como manifestação de sua ancestralidade expressa em poesia. Então, em uma dessas poesias, em homenagem a sua religiosidade, intitulada *O presente de Yemanjá*, ele escreve:

A cidade está cor de cinza  
de fogos a estourar.  
As flores embranquecem o mar  
o povo começa a chegar  
pra saudar Yemanjá.  
Corre, corre, meu povo  
Vem sorrindo, vem cá ver,  
Pra apreciar a Dona das Águas  
Que seus presentes  
Veio receber.

---

<sup>6</sup> Trecho retirado da orelha do livro *Cantares d'África* (VIEIRA, 1980).

Isto é lindo, é místico  
 tudo é mais algo de fé  
 que a Bahia sabe o que tem,  
 faz questão de manter de pé  
 tem e sabe d'onde vem.  
 Por isso é tão cheio de alegria  
 E será sempre a Eterna Bahia...  
 É festa à Yemanjá  
 Do povo da Bahia.  
 É música, cor, som, poesia  
 É alegria à nossa deusa negra – Yemanjá  
 Odoyá, Odoyá, Odoyá!  
 Mãe, amiga deusa Yemanjá,  
 Dona dos mares da Bahia.  
 Na Nigéria,  
 Rainha das grutas de Abeokutá.  
 Salve, a mãe Yemanjá!  
 Odoyá! (VIEIRA, 1980, p. 55)

Antônio Vieira, além de sua vivência na África, era neto de ex-escravos e pertencente ao quilombo de Tijuacu, que segundo o livro do professor Paulo Batista Machado, *Notícias e Saudades da Villa Nova da Rainha*, aliás, Senhor do Bonfim, afirma-nos que:

Os Africanos que fundaram os quilombos ou comunidades na Bahia de acordo com Nei Lopes (1988) em seu livro “Bantos, Malês e Identidade Negra”, ao contrário do que muitos pensam, a Bahia não recebeu negros bantos. Estes, trazidos dos portos de Molembo e Cabinda, eram levados diretamente ao Rio de Janeiro. Eram escravos que tinham prática de agricultura e cultura e cultivavam o café e a cana-de-açúcar em suas terras, os atuais Congo, Angola, Moçambique, Zâmbia e Zimbabwe, países que se situam na África Oriental. No entanto, há fortes traços da cultura banto que se fazem presentes na Bahia e em Pernambuco a exemplo do maculelê, da capoeira, do maracatu, do samba e de artes manuais, elementos presentes na cultura banto. Ainda de acordo com Nei Lopes, para Bahia e Pernambuco teriam vindo negros da África Ocidental (Nigéria, Daomé, atual Benin e Costa do Ouro). Eram negros sudaneses, maioria pertencente à nação Ketu e Nagô e à nação jeje. Acultura sudanesa significava a existência de língua ou dialetos diversos, costumes e gênero de vida. Herdou a Bahia, herdou Tijuacu elementos culturais dessas duas grandes nações. Ketu e nagô, que tem o “ioruba” como língua predominante e o culto religioso possuidor do mesmo nome (iorubá). Um hábito herdado da nação Ketu é o de comer com as mãos, costume utilizado naturalmente, mesmo pelos não-religiosos, nas cerimônias iorubás; e elementos da cultura jeje como a língua “ewe-fon”, uma cultura também chamada de jeje-nagô. [...] Pertencem a essa cultura os candomblés de caboclo (mistura de culto afro com elementos religiosos indígenas) e a capoeira de Angola, uma capoeira adocicada, que se destaca por sua beleza plástica. (MACHADO, 2007, p. 146)

Como vimos acima, a trajetória de Antônio Vieira está relacionada à sua ancestralidade de uma comunidade rural negra, e sua trajetória acadêmica como um ponto de esclarecimento no seu sentido de resistência e revolta<sup>7</sup> do termo, isto é, ideologia dos movimentos negros dos anos de 1960 no qual Antônio Vieira estava inserido através de seu estilo de escrita de cunho político e crítico. Assim, Antônio Vieira, parece atribuir a si próprio o dever de se servir de seu conhecimento como forma de reconstrução das relações sociais desiguais e a desnaturalização negativa do povo negro.

Portanto, em sua poesia *O presente de Yemanjá*, Antônio Vieira remete-se a sua ancestralidade religiosa como forma de viabilizar suas raízes Africanas e toda sua negritude que viceja em suas poesias. O livro *Cantares d'África*, como próprio autor afirma, “é um testemunho africano de manifestação de negritude, de seus compromissos à causa do oprimido, do pobre, sal da terra cujas canções são raramente ouvidas em sua riqueza exceto por aqueles que vivem entre eles” (VIEIRA, 1980, p. 9). Aqui, Antônio Vieira expressa a sua negritude e a responsabilidade da maior idade intelectual.

Figura 9 - Noite de autógrafos do seu livro: *Cantares d'África* em Salvador.



Fonte: Acervo pessoal.

---

<sup>7</sup> Vale ressaltar, inicialmente, que a noção de “revolta”, significando um profundo sentimento subjetivo de injustiça que não encontra expressão política coletiva, ou seja, que não se transforma em “rebeldia” ou “combate”, é elemento constitutivo do repertório das ideias que forjaram historicamente a identidade negra no Brasil. (GUIMARÃES, 2004, p. 159)

Portanto, a sua poesia está comprometida com a desnaturalização da imagem negativa do negro e os desajustes que pairam sobre a consciência social e a marca da escravidão como aspecto estruturante da sociedade brasileira. A escravidão que gera os absurdos das disparidades sobre as suas manifestações culturais, a exemplo de sua religiosidade ancestral. Todos esses pontos são debatidos na poesia de Antônio Vieira como forma de problematizar o cipoal das incertezas no processo de mobilidade social de poucos negros.

Em sua poesia *Fruto, Ventre, Amém!*, escrita em Dakar, Senegal, 1979, Antônio Vieira exprime com certa acidez a sua indignação como homem negro que conhece de perto as condições enfrentadas pela mobilidade social do negro tendo a sua própria trajetória como tipo sociológico sobre as práticas rotinizadas da vida social. Ele diz:

Nasci pobre  
e vou morrer miserável.  
Não quero que meus frutos  
Sejam tão maltratados que nem eu,  
que sejam uns negrinhos instáveis  
como seu pai nasceu.  
Quero-os gente.  
Importantes  
e descentes  
tais quais outros brasileiros.  
Gente, tal qual não fui  
Nem sou, eu.  
Aleluia! Aleluia!  
Bebam na mesma cuia  
Da miséria,  
pobreza e injustiça AGORA  
Filhos!  
Não farão parte da mesma carniça. (VIEIRA, 1980, p. 43)

Coincidência ou não, Antônio Vieira não se casou e nem teve filhos, apesar de boêmio e muito namorador, preferiu viver uma vida de solteiro. Segundo a sua sobrinha Alcione Vieira Silva (2016), seu tio era um homem muito galante, mas não queria saber de compromisso. Segundo, também, o seu amigo de infância o Dr. Gustavo Eduardo Teixeira da Rocha (2017), Antônio Vieira confessara, em um de seus encontros, que não queria casar em circunstância de sua vida peregrina e seu olhar crítico das injustiças sociais.

Sua vida pessoal parece ressoar em sua poesia *Fruto, Ventre, Amém!*, onde o autor, mais uma vez, critica as estruturas sociais como sistema normativo dos negros em posição de desvantagem social, diante da marginalização da população negra, que se confunde com a miséria, pobreza e as injustiças sociais descritas em sua poesia. Assim, o autor exclama em sua

poesia que seus filhos não farão parte da mesma carniça, ou seja, a reprodução de certos aspectos estruturantes da miserabilidade do negro que parece ser negada pelo autor como forma de protesto.

Entretanto, a poesia *Fruto, Ventre, Amém!* destaca o problema geral das classes desfavorecidas ou do pauperismo negro e a sua negação em reproduzi-la. Negar-se a fazer parte dessa carniça, como diz a poesia, é um ato de negação e subversão a condição preestabelecida para os estigmatizados da vida social. Uma espécie de dissenso à opressão do negro e sua dependência sintagmática com a Casa Grande, como forma de legitimação e a introdução à vida competitiva.

Por isso, a sua poesia parece dizer-nos, mesmo que de forma radical, a não aceitação de reproduzir a instabilidade e a miserabilidade hereditária, ou seja, não farão parte da mesma carniça. Antônio Vieira, ao conhecer os processos da vida social e seus mecanismos de reprodução, através de suas experiências pessoais e acadêmicas, desvela a construção de certas verdades tidas como certa na vida em sociedade e a sua não aceitação, isto é, posso escolher a realidade independente da realidade tida como legítima pela vida em sociedade. Contudo, a sua poesia convida-nos ao estranhamento dessa realidade criada para o negro e sua naturalização, portanto, a sua poesia intitulada *Em verdade vos digo*, reflete bem o desvelamento ao dizer:

Que se quebram correntes  
 Elo após elo.  
 Telas que vós pintastes em sangue  
 da escravidão,  
 nós negros brasileiros  
 pintaremos em verde-amarelo.  
 O que vós chamastes hoje  
 “democracia racial”,  
 Nós negro diremos:  
 Injustiça social.  
 Em brados e eco  
 Já vai prum século,  
 O término da escravidão.  
 Não queremos agitação,  
 Sim, solução.  
 Trata-se de direitos que nos deveis  
 Por riquezas e trabalho que fizemos.  
 Queremos para todos  
 justiça,  
 trabalho  
 em igualdade de condições.  
 A verdade,  
 amor,  
 arroz,  
 carne, sim!  
 Feijão  
 e pão. (VIEIRA, 1980, p. 67)

A poesia, *Em verdade vos digo*, expressa a quebra de uma realidade previamente disposta na parte que diz: “Telas que vós pintastes de sangue da escravidão, nós negros brasileiros pintaremos em verde e amarelo”. Ou seja, a desconstrução de certas realidades objetivadas, com o negro em posição inferior na sociedade, é um ponto a ser desconstruído pelos negros que pintarão a sua própria história como verde e amarelo. Essa desconstrução é um processo paulatino devido a certos obstáculos impostos em padrões.

Apreendo a realidade da vida diária como uma realidade ordenada. Seus fenômenos acham-se previamente dispostos em padrões que parecem ser independentes da apreensão que deles tenho e que se impõe à minha apreensão. A realidade da vida cotidiana aparece já objetivada, isto é, constituída por uma ordem de objetos que foram designados como objetos antes de minha entrada na cena. A linguagem usada na vida cotidiana fornece-me continuamente as necessárias objetivações e determina a ordem em que estas adquirem sentido e na qual a vida cotidiana ganha significado para mim. Vivo num lugar que é geograficamente determinado; uso instrumentos, desde os abridores de lata até os automóveis de esporte, que têm sua designação no vocabulário técnico da minha sociedade; [...]. (BERGER; LUCKHMANN, 1985, p. 38)

Esse pequeno trecho do livro *A construção social da realidade*, de Peter L. Berger e Thomas Lukmann (1985), mostra-nos que a realidade cotidiana aparece objetivada, constituída antes mesmo do indivíduo entrar em cena. Esta ordem objetivada traz uma possível resposta aos obstáculos enfrentados no processo de ascensão social dos negros num contexto que havia e, ainda há, poucos negros no cenário acadêmico brasileiro. Contudo, a sua trajetória pode contribuir com a reconstrução do negro em posição acadêmica e dando, assim, um novo arquétipo aos negros de sua comunidade rural de Tijuacu, hoje, atual quilombo.

O esquecimento de Antônio Vieira em sua própria terra não favorece aos negros órfãos de referências de superação e sucesso. Ainda hoje, em Senhor do Bonfim, há um estranhamento das pessoas em saber que existiu uma figura negra, pobre, que saiu de um quilombo e alcançou tal posição social. Esse estranhamento encontra-se em uma ideia pintada pela escravidão e o estigma engendrado pelo racismo e a naturalização do negro em posição de subalternidade.

Seu modelo, contudo, erige o negro à posição do agente reflexivo e não apenas o objeto científico dos que se dizem antropólogos e sociólogos em seus estudos sobre quilombo e as relações sociais. Antônio Vieira traz uma nova perspectiva dos que buscam a sua integração à vida competitiva e a possibilidade de intervir no processo já constituído por outros. Não obstante, como já foi dito no segundo capítulo, Antônio Vieira, pelo acesso ao capital cultural a que teve e pelos meios que viabilizam a ação transformadora, buscou fazer a diferença por meio de suas poesias que germinam a negritude, adormecida, nos que as leem.

## 7 A MOBILIDADE SOCIAL DE ANTÔNIO VIEIRA

A ascensão social de Antônio Vieira parece estar relacionada a um modelo específico de integração à sociedade brasileira a que estavam sujeitos os descendentes de africanos no século XIX e o início do século XX. Período de grande efervescência na sociedade brasileira e, em particular, baiana, pela presença de conflitos entre a escravidão e liberdade, atraso e progresso e a absorção de negros em famílias e meios sociais brancos e ricos da época.

Há um consenso na literatura sobre relações raciais no Brasil, de que a integração dos descendentes de africanos à sociedade brasileira deu-se principalmente pela via do "embranquecimento" ou pelo que Carl Degler (1991) chamou de "válvula de escape do mulato". (GUIMARÃES, 2004, p. 271)

A oportunidade de mobilidade social que Antônio Vieira, afrodescendente, nascido no distrito Tijuacu, Senhor do Bonfim, em 1937, só foi possível, devido a sua assimilação às elites bonfinenses da época. A complexidade que o distingue entre tantos outros sujeitos de sua comunidade rural do Tijuacu, hoje, reconhecida como quilombo, é a sua idiosincrasia marcada por suas ações que o difere de outros indivíduos de sua comunidade diante os fatores externos que o mesmo soubera aproveitar.

Isso significou uma escalada, da extrema pobreza e subordinação baseada no preconceito de cor e na origem escrava, em direção ao domínio de classe e cultura das elites brasileiras predominantemente brancas. Foi geralmente empreendido com intenso esforço pessoal, inteligência e o aproveitamento judicioso das oportunidades para o progresso social e econômico. Tais oportunidades derivavam do fato de que aceitação social no mundo branco dominante era mais fácil para mulatos e "pessoas de cor" mais claras do que era para os negros. [...] Ademais, era característica da ascensão a conformidade como os valores culturais e os padrões econômicos definidos pelo grupo dominante e pela rejeição de práticas e atitudes consideradas por estes como "inferiores", "atrasadas" e "atavísticas". (GUIMARÃES, 2004, p. 272)

A ascensão social de Antônio Vieira desnuda um padrão assimétrico das relações raciais entre negros e brancos que se estendem mesmo após abolição da escravidão. Ou seja, nutrindo, assim, um sistema de dependência entre as velhas elites de dominação senhorial em Senhor do Bonfim e a comunidade negra de Tijuacu. Essa relação antagônica, entre "Casa Grande e Senzala", aqui representado, pelo casarão da família Félix Martins e a comunidade negra do Lagarto que mantinha, portanto, uma relação de trabalho na casa e nas fazendas dos grandes proprietários da época; era o dualismo vivido pelo nosso personagem, Antônio Vieira. No livro *Vestígios recuperados*, da professora Carmélia diz que:

A documentação oficial esclarece que a Fazenda Lagarto, atual distrito de Tijuacu, teve vários proprietários. Os livros de escravos apontam que nos municípios de Senhor

do Bonfim e Campo Formoso, nos séculos XVIII e XIX, havia um grande número de escravos, agregados e libertos que viviam nas fazendas da região, tendo permanecido após Abolição. Na documentação analisada sobre compra e venda de escravos, observa-se que aqueles residentes em Senhor do Bonfim, na segunda metade do século XIX, em sua maioria, trabalhavam na lavoura e como domésticos. De trinta e cinco registros encontrados do período de 1879 a 1888, vinte e cinco, entre homens e mulheres, eram identificados como lavradores, seis escravas trabalhavam no serviço doméstico e quatro não apresentaram a profissão, pois se tratava de crianças. No livro de Registros Eclesiásticos de terras da Freguesia de Jacobina, encontram-se algumas referências às terras da Fazenda Lagarto – atual Tijuáçu. (MIRANDA, 2009, p. 48)

Segundo o relato do livro *Vestígios recuperados*, a comunidade de Tijuáçu possui um histórico com a escravidão e, por conseguinte, os vícios cultivados pelo regime escravocrata como mantenedora dos laços de dependência entre senhores e escravos, estenderam-se até os tempos de Antônio Vieira que vivenciou em sua comunidade a relação de pobreza e subordinação aos coronéis através de seus pais, Marcolino Vieira e Carolina da Silva, que eram lavradores e domésticos na Casa Grande da família Félix.

Figura 10 - Casarão da família Félix Martins.



Fonte: <<http://blogdobamberg.blogspot.com/2013/06/senhor-do-bonfim-ontem-e-hoje.html>>.

O próprio Antônio Vieira reproduzira em sua infância o modelo de vida de seus pais através da internalização de certos papéis sociais pelos negros de sua comunidade. Contudo, certas relações sociais, padronizadas, constituem um obstáculo à ascensão social do negro que se vê alienado a estética cultural branca. Antônio Vieira, todavia, tinha acesso ao casarão de uma das principais famílias de Senhor do Bonfim, isto é, a família Félix Martins, onde o

mesmo pode assimilar os costumes luso-brasileiros que possuíam, em seus ideais, a reprodução da estética e moral europeia.

Em uma das minhas entrevistas com a professora aposentada a senhora Iêda Belitardo Barbosa de Carvalho (2018), a mesma relatou-me que naquela época, algumas famílias pertencentes à elite bonfinense, tinham em suas casas pianos, onde as jovens estudavam música e tinham educação requintada. Havia, também, segundo a senhora Iêda Belitardo, uma intenção das famílias que seus filhos estudassem em escolas que tinham em seu currículo o estudo da música clássica e línguas estrangeiras como o inglês, francês e o latim. Assim, escolas de cunho religioso e de regime interno, como os Maristas e o Colégio Sacramentinas eram, de fato, colégios das elites no tempo de Antônio Viera.

A cidade de Senhor do Bonfim, apesar de ser uma cidade do interior da Bahia, localizada na região semi-árido, foi local de funcionamento de duas instituições educacionais confessionais de origem francesa, o Educandário Nossa Senhora do Santíssimo Sacramento, da Ordem das irmãs Sacramentinas e o Ginásio Sagrado Coração (GSC), fundado pelos irmãos Maristas. O GSC, após 1970, originou o Colégio Estadual Senhor do Bonfim, as duas instituições escolares abordadas nesta dissertação. (LEMOS, 2012, p. 51)

Porém, Antônio Viera pertencia a uma realidade distinta das famílias abastardas de Senhor do Bonfim, ou seja, as famílias da comunidade do Lagarto não tinham condições financeiras para matricular seus filhos em instituições, particulares, com mensalidades que não cabiam no bolso de lavradores, adaptados a trabalhos braçais, nas fazendas de coronéis. Assim, os negros de Tijuacu não conheciam outra realidade senão o trabalho com a agricultura, o trabalho na casa de família, o trabalho com o artesanato e lavagem de roupa. Portanto, a preocupação da comunidade negra de Tijuacu era garantir o básico para a sobrevivência de suas famílias.

Famílias como a do nosso personagem, Antônio Vieira, trabalhavam apenas para viver. Portanto, não sobrava dinheiro para atender as demandas de uma educação que atendessem ao sistema social mais competitivo das famílias de elites da época. Isso refletia nas discrepâncias existentes como sequela da “escravidão que estruturou um modo de vida, imiscui-se na composição do povo brasileiro, adentrou a família, a religião e o trabalho, semeado em tudo os germes da decadência” (BOTELHO; SCHWARCZ, 2009, p. 64). Assim, construiu-se um caráter social desigual na composição nas relações sociais da época.

Essa reprodução da desigualdade – forjada no ventre de uma elite branca – que estrutura a sociedade, por meio de sua hereditariedade que serão os padrões de amanhã. Parece, necessário manter intacto o meio pelo qual se robustece a ideologia da assimilação dos padrões

da cultura dominante como fator decisivo para sua integração ao mundo competitivo. Por conseguinte, esta ótica permite preservar os papéis das famílias pertencentes às elites locais, isto é, gerando obstáculos a ascensão social dos que não possuem o mesmo acesso ao capital cultural ou não assimilam a cultura legitimada em detrimento a cultura do negro.

Por exemplo, os modos de expressão da cultura africana são coibidos de vários modos. A religiosidade, a dança, a fala, as atividades lúdicas são vistas como subcultura. Essa desvalorização põe o negro diante de uma situação dual: manter suas raízes culturais e ser excluído dos grupos considerados “civilizados” ou absorver passivamente a “cultura branca” considerada superior, para “integrar-se”. (BOTELHO; SCHWARCZ, 2009, p. 382).

Antônio Vieira, por exemplo, parece ter assimilado os padrões das culturas dominantes pelo qual buscou adequar-se segundo os padrões da família Félix Martins que o “adotou”. Esse ato de cunho catecúmeno fora sua introdução ao grupo considerado de elite, ou seja, famílias que possuíam acesso a uma cultura considerada “superior” em comparação às famílias de comunidades negras, que não tinham acesso esse capital simbólico<sup>8</sup>. Podemos observar, ao longo da pesquisa, que os negros da comunidade de Tijuacu que não buscaram assimilar a cultura das famílias de elite de Senhor do Bonfim, como o fez Antônio Vieira, não obtiveram mesmo êxito no mundo dos brancos.

Nas entrevistas com parentes e amigos que conviveram com Antônio Vieira, há uma espécie de afinação, em relação ao seu sucesso, quando todos afirmam que Antônio Vieira chegou aonde chegou porque soube aproveitar a oportunidade que lhe fora dada, pela senhora Adelina Xisto, mas não adiantaria nada se ele não o quisesse. Aqui existe, porém, o conúbio entre a oportunidade que é dada e o querer do indivíduo. Bem, de fato, dos dez filhos de Marcolino Vieira da Silva e Carolina Maria da Silva, Antônio Vieira foi o único que absorveu o capital simbólico da família Félix Martins.

Analisando a questão de Antônio Vieira podemos notar que ao aproximar-se de uma cultura de elite, e ser absorvido por ela, como Antônio Vieira o fora, o classifica como um homem esforçado, dedicado, diferenciado, que quis vencer na vida. Porém, de contrapartida, existe o olhar pejorativo de alguns entrevistados sobre aqueles que não conseguiram assimilar a cultura de elite como os irmãos de Vieira; esses, portanto, são vistos como preguiçosos, que

---

<sup>8</sup> Segundo Bourdieu, os sistemas simbólicos exercem um poder estruturante (conhecer o mundo), na medida em que são também estruturados. E a estruturação decorre da função que os sistemas simbólicos possuem de integração social para um determinado consenso. O consenso aqui apresentado é o da hegemonia, ou seja, de dominação. (BOURDIEU, 2007, p. 1)

não se esforçaram, que não quiseram nada, que não tiveram a mesma dedicação de Antônio Vieira. Aqui podemos observar a forma estereotipada com que o negro é aprendido, de forma negativa, quando não se aproxima por um motivo ou outro de uma cultura considerada “superior”.

A investigação esbarra-se em uma problemática do que seria essa cultura de elite pela qual o nosso personagem teve acesso, através de uma tradicional família de Senhor do Bonfim da época, como já foi dito. Porém, parece uma questão a ser analisada em nossa pesquisa, antes de prosseguirmos em nossa empreitada.

Primeiro, o casarão da família Félix, situado no centro da cidade de Senhor do Bonfim, especificamente na Praça Nova do Congresso, retrata um tempo de suas riquezas faustosas – das famílias de nome – da cidade. Onde coronel Antônio Félix e outros como ele ostentavam e disputavam entre si. As elites da cidade residiam em construções suntuosas, onde coronéis, como Antônio Félix, pavoneavam casarões em largas ruas, onde se podiam ver, entre as grandes famílias, a concentração de renda e as diferenças sociais existentes no final do século XIX até a metade do século XX. As tradicionais famílias, proprietárias de terras, davam abrigo e empregos a famílias como de Antônio Viera, que ocupavam as classes mais pobres, por conseguinte, dependentes do velho regime pós abolição. Deste modo, não havia, para Antônio Vieira, outra via senão a da internalização de papéis sociais das velhas elites como forma de ascender socialmente.

Figura 11 - Um dos casarões da família Félix Martins e a presença de crianças negras.



Fonte: Zaid. <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1526672>>.

Em vista disso, Antônio Vieira via-se conduzido a uma inculcação de valores coloniais das famílias brancas como fator de destaque em seu tempo. A sua convivência na residência da família Félix, de refinado padrão europeu, com janelas e portas francesas, seu pátio com varandas e largos espaços de casarões, decorados com tapetes europeus, pianos alemães, louças e cristais, jarras que compunha todo o aparato para garantir o conforto das famílias que viviam nesses casarões e, que ainda hoje, resiste ao tempo e ressoa o passado das elites bonfinenses, em alguns casarões espalhados pela cidade. A exemplo da construção do Cine-Teatro São José, inaugurado em 1927, comprova a influência da arquitetura, francesa, em algumas construções em Senhor do Bonfim:

A escolha de um bonfinense residente no Rio de Janeiro para criar a planta deste edifício pode não ter sido aleatório, uma vez que com a ideologia urbanística chegando à Bahia na segunda década do século XX, as transformações urbanas da federal, inspiradas na França, viraram modelo, pois, como afirma (2004, p.492) “o Rio funcionava assim não apenas como palco ou vitrine dos tempos modernos no Brasil, mas também como centro irradiador de informações, generalizando práticas e disseminando valores”. (CARVALHO, 2014, p. 248)

O processo de modernização de cunho europeu, pelo qual Senhor Bonfim passara, refletia as diferenças sociais daqueles que podiam e daqueles não podiam desfrutar do conforto dos grandes casarões das famílias de classe alta e branca. Construções grandiosas representam a força e poder econômico das famílias dominantes de Senhor do Bonfim. Assim, os hábitos finos e comportamentos considerados “superiores”, eram forjados no seio da sociedade bonfinense em detrimento aos hábitos que não se encaixavam com os padrões legitimados das famílias menos abastardas da época.

Figura 12 – Cine-Teatro São José.



Fonte: <<http://www.skyscrapercity.com/showthread.php?t=1526672>>.

Podemos ter uma noção de que ser visto por uma ótica mais aceitável era reproduzir os hábitos, legítimos, como forma de se integrar ao meio pelo qual pudesse ser notado, prestigiado, assimilado pelos círculos dominantes de sua época. Aparenta que sua convivência com a família Félix o fez perceber que a única maneira de se fazer respeitar, no círculo da família Félix, era através da aproximação dos símbolos apreciados pelas elites de seu tempo.

Note-se, entretanto, que numerosos negros, crias de casas-grandes opulentas, adquiriram dos senhores ou da família senhorial gestos, modos de falar, de andar, de rir, característicos de classe alta e de raça “superior”, a ponto de terem se tornado, cultural e sociologicamente, membros da mesma família e de suas maneiras contrastarem com as da maioria da gente de sua raça e de sua classe. (FREYRE, 2013, p. 329)

Assumindo uma identidade internalizada, pela convivência com os círculos dominantes, Antônio Vieira integrava-se aos meios das elites bonfinenses por sua modelação aos interesses do meio como forma de integração à uma sociedade competitiva. Para isso, Antônio Viera, que estudava em uma escola pública do município de Senhor do Bonfim, chamada Austricliano de Carvalho, passou a estudar em uma das melhores escolas de toda região, devido a sua relação com a família Félix. Segundo o relato do senhor José Cosme de Sá (2018), estudante da turma de 1961, do Colégio Maristas: “A escola Maristas não atraía apenas os estudantes bonfinenses, mas estudantes das mais diversas regiões do Nordeste como: Jacobina, Miguel Calmon, Feira de Santana, Pernambuco, Sergipe, entre outros”. Como podemos verificar na dissertação da professora Gisela:

A história do município de Senhor do Bonfim, perpassou por algumas transformações, de cunho econômico sócio-econômico, que fizeram com que um local para pouso de tropeiros se tornasse um município baiano visitado por importantes figuras políticas nacionais, tais como Ruy Barbosa, em 1919 (ALMEIDA, 2011). Este local passou a sediar, desde 1942, algumas instituições escolares confessionais originadas por ordens religiosas francesas que atraíram pessoas de diversos municípios brasileiros. (LEMOS, 2012, p. 48)

Essa migração de estudantes, das mais variadas partes da região Nordeste, fazia de Senhor do Bonfim um polo de educação de alto nível. A escola possuía um regime de cunho interno onde alunos que viam de fora estudavam e dormiam no Maristas, já os que moravam aqui, voltavam para suas casas quando terminavam seus estudos no Colégio Maristas. De acordo com senhor Aloysio Santos (2018), da turma de 1951, “o Maristas era uma escola de elite onde se educava ao estilo francês”. Ele mesmo, orgulha-se de ter tido a oportunidade de estudar em uma escola de tamanha qualidade.

Ainda de acordo com seu Aloysio Santos (2018), que atualmente mora em Minas Gerais, e concedeu-me uma entrevista por telefone, disse-me que em sua turma de 1952, a

mesma turma de Antônio Vieira, “o único negro que nós tínhamos na turma era Vieira”, como ele o chama. De fato, Antônio Vieira não estudaria no Maristas se não fosse a família Félix, até porque, era uma escola para uma elite, e Antônio Vieira pertencia a uma família de uma comunidade rural negra muito pobre na época.

Diante da exigência de estudar em uma escola de educação europeia, onde a maior parte de seus colegas pertenciam às famílias abastadas da cidade e região, Antônio Vieira parece ter buscado uma projeção “melhorada” de si mesmo, com o objetivo de provar seu valor, assim como os outros colegas de prestigiosas famílias, e também diante da iminência de não decepcionar a senhora Adelina Xisto, que o matriculara em uma excelente escola. Assim, Antônio Vieira passara a estudar, avidamente, mesmo com suas incumbências como a entrega de leite da Fazenda Lâminha, em Tijuáçu, até o casarão da família Félix no centro da cidade.

Todo esse esforço estava em dar conta do trabalho como entregador de leite e dos estudos no Colégio Maristas que, por sinal, eram muito puxados para um menino que trabalhava para ajudar a família e estudava para acompanhar os melhores alunos de sua sala, isto é, que não tinham a mesma necessidade de trabalhar, por pertencerem a realidades bem mais confortáveis que a do nosso personagem. Antônio Vieira, como já foi relatado pela senhora Sônia Magali de Sá Guimarães (2017), secretária do atual Colégio Estadual de Senhor do Bonfim, o negro Vieira, como ela o chama, chegava ao Colégio Maristas de jegue, diretamente do trabalho, para não perder as aulas. Esses relatos revelam-nos os obstáculos enfrentados pelo intelectual negro Antônio Vieira no processo de ascensão social.

Ao ter acesso à fonte documental no Colégio Maristas, atual Colégio Estadual de Senhor do Bonfim, da turma de 1952, 1953, 1954 e 1955, anos em que Antônio Vieira estudou nos Maristas. Pude observar em seu histórico escolar, ainda intacto, um certificado de aprovação em exame de admissão a 1ª Série Ginásial, ou seja, para estudar no Colégio Maristas era necessário ser aprovado em um exame de admissão. Não bastava apenas ter como pagar, mas era necessário a meritocracia, dos que ali estudavam, como forma de selecionar os mais hábeis dos não capazes. No exame de admissão, Antônio Vieira passou com uma média 6,3, isto é, o resultado de 7,3 em Português, 7,5 em Geografia, 5,0 em Matemática e 5,5 em História do Brasil. Para um rapaz com sua origem humilde, ele teve o resultado muito positivo em relação a outros rapazes que pertenciam às famílias abastadas de Senhor do Bonfim.

Figura 13 - Certificado de Aprovação em Exame de Admissão.

  
 REPÚBLICA DOS ESTADOS UNIDOS DO BRASIL  
 MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E SAÚDE  
**Ginásio do Sagrado Coração**  
 (Nome do estabelecimento)

Cidade Senhor do Bonfim (Cidade) — Estado Bahia (Estado) N.º... 52...

**CERTIFICADO DE APROVAÇÃO EM EXAMES DE ADMISSÃO  
 A 1.ª SÉRIE GINASIAL**

Certificamos que Antônio Vieira da Silva.....  
 filho de Martinho Vieira da Silva.....  
 e de Carolina Maria da Silva.....  
 natural de Bonfim nascido em 3 de Fevereiro de 1937  
 foi considerado aprovado em exames de admissão à 1.ª série ginasial, prestado  
 em 29 de Fevereiro de 1952.... nos termos da LEI  
 ORGANICA DE ENSINO SECUNDARIO (Decretos-leis n.º 4.244, de  
 9 de abril de 1942 e 8.347, de 10 de dezembro de 1945, tendo obtido os  
 seguintes resultados:

Português: .....	<u>7,3</u> .....	Matemática: .....	<u>5,0</u> .....
Geografia: .....	<u>7,5</u> .....	História do Brasil: .....	<u>5,5</u> .....

Média geral seis e três ( 6,3 )

..... 29 de Fevereiro ..... de 1952

João A. Charal (Diretor) Ottoniel Almeida Roma (Inspetor)  
 irmão João A. Charal "Isento de selo, ex-vi do Decreto-lei n.º 8.029, de 2/10/45"  
 Inspetor Federal

(Formato 16 X 27)  
 Modelo 1

Fonte: Acervo Colégio Estadual Senhor do Bonfim.

Por conseguinte, além do exame de admissão, tinha o certificado de vacinação como fator essencial para se matricular. A senhora Sônia Magali de Sá Guimarães, secretária do colégio estadual, cedeu-me as documentações individuais do ano eletivo de 1954 e 1955, onde Antônio Vieira estudou no Maristas. Analisando a sua ficha individual, hoje boletim, pude ver a grade curricular do colégio, que tinha como currículo: Português, Latim, Francês, Inglês, Matemática, Ciências Naturais, História, Geografia, Trabalhos Manuais, Desenho, Canto Orfeônico. Todas essas matérias eram administradas pelos irmãos Maristas, vinculados à igreja Católica Romana, que tem como missão evangelização de crianças e jovens por meio de educação.

Figura 14 - Fachada do Ginásio Sagrado Coração, onde os Irmãos Maristas residiam.



Fonte: Acervo pessoal de Sônia Magali de Sá Guimarães.

Portanto, o senhor Gustavo Eduardo Teixeira da Rocha (2017), médico aposentado, o senhor Aloísio, professor aposentado e o senhor José Cosme de Sá (2018), militar e professor aposentado, todos ex-alunos do Colégio Maristas, e conhecidos de Vieira, afirmam que “tivemos acesso, sem dúvida, à melhor educação da cidade”. Assim, pertencer a um grupo de alunos que tinham em sua grande curricular o estudo de línguas estrangeiras, música, teatro de cunho religioso, era sinal de uma educação de alto padrão.

Figura 15 - Colégio Maristas, hoje Colégio Estadual Senhor do Bonfim.



Fonte: Acervo pessoal de Sônia Magali de Sá Guimarães.

Além de usufruir o melhor da educação em sua época, Antônio Vieira se viu envolto de um ambiente de cultura e *status* que a família Félix pudera proporcionar ao menino. Antônio Vieira, portanto, beneficiou-se da própria atmosfera cultural da época, das mais intensas movimentações no que tange ao consumo de cultura e lazer da cidade. Para falar sobre a efervescência cultural das elites bonfinenses pela qual Antônio Vieira usufruiu, não podemos deixar de falar sobre a Estrada de Ferro, a 25 de Janeiro, a União e Recreio e as filarmônicas.

A estrada de ferro, capítulo importante na ligação da cidade com a economia do Estado e do país, e outras atividades econômicas importantes conferiam-lhes status de cidade que ocupava papel de destaque na região. Esta centralidade se reflete, entre outros elementos, na presença de figuras importantes, dentre juizes, médicos, literatos, fazendeiros, advogados, farmacêuticos, altos funcionários públicos, etc. sempre citados nos jornais com deferências e demonstrações de poder. Neste trabalho, seguirei selecionando o que a cidade oferecia para esta elite e através dela, no que tange as opções de consumo cultural e de lazer [...] (ANDRÉA, 2013, p. 41)

A formação cultural do menino Vieira, dentro desses círculos elitizados, pode nos ajudar a compreender os meios que o fizera ascender na sociedade de seu tempo. Como já foi dito no primeiro capítulo, dessa dissertação, Antônio Vieira cresceu em uma comunidade que utilizava a dança, o canto, o samba como forma de expressão de sua cultura e sentimentos de um povo sofrido. Porém, Vieira conviveu com as opções culturais das elites que frequentavam a sociedade 25 de Janeiro e União e recreio que segundo a tese da professora Karina: “é grande o destaque dado às sociedades 25 de Janeiro e União e Recreio nas páginas do Correio do Bonfim. Trata-se de duas agremiações que concentram atividades das mais diversas”. (ANDRÉA, 2013, p. 41)

Nessas agremiações aconteciam as mais variadas apresentações voltadas principalmente para grupos dramáticos de moças e rapazes e uma filarmônica como podemos conferir, também, na tese da professora Karina que a União e Recreio possuía uma biblioteca que, 1916, contava com 903 volumes, que por sinal, atendia a uma alta sociedade da época que consumia esse tipo de capital cultural. Esses ambientes, onde havia apresentações, artísticas, eram frequentados pelas elites Bonfinenses que podiam pagar pelos ingressos. As filarmônicas, por exemplo, eram bem disputado como podemos ver na tese da professora Karina:

As filarmônicas eram dirigidas e frequentadas pela alta sociedade bonfinense, assim como outras organizações similares em todo o Estado. Também era comum haver rivalidade entre eles, o que foi comentado no jornal do dia 26 de outubro de 1913, afirmando-se que graças “aos amadores da sublime arte musical que constituem as duas philarmonicas dessa cidade”, os cidadãos bonfinenses viviam um momento de “múltiplas festas” com um “sortimento de completo” e, portanto, via-se (ANDRÉA, 2013, p. 42)

As filarmônicas apresentavam-se em grandes eventos comemorativos da cidade de Senhor do Bonfim, que compunha em suas apresentações as mais altas figuras bonfinenses. As apresentações das filarmônicas são das mais diversas como podemos observar na tese da professora Karina:

O volume de apresentações e eventos não é pequeno, visto que há períodos em que as bandas das filarmônicas apresentam-se semanalmente, às vezes mais de uma vez por semana, aparecendo, segundo é noticiado, em ocasiões sociais das mais diversas: festas cívicas, casamentos, batizados, datas religiosas, festas populares (carnaval e mi-carême), sessões de cinema, teatro e circo, até mesmo em velório, entre outros. (ANDRÉA, 2013, p. 43)

Toda essa conjuntura cultural vivenciada por Vieira era o universo das elites que podiam frequentar certos espaços considerados de uma minoria. É interessante relatar que nos espaços de entretenimentos da sociedade da época como teatro, cinema e circos, rapazes e moças protegidos por suas classes sociais tendiam a certos padrões de comportamento. Como podemos verificar nesse pequeno trecho da tese da professora Karina:

Reginaldo Carvalho registra que, comportamento por parte da plateia que fossem considerados inadequados porque demasiadamente festivos, e nesses casos, estamos falando dos frequentadores do teatro e dos cinemas também –, eram severa e frequentemente apontados como casos de polícia. Algumas dessas críticas associavam os excessos, quase sempre de jovens rapazes ou de “moços bonitos”, ao universo circense. Então na referência aos “moços bonitos”, no entanto, apesar da queixa, havia um claro protecionismo levado a efeito pela classe social à qual pertenciam, e um discurso altamente preconceituoso ao compará-los a palhaços e desqualificar o circo. (ANDRÉA, 2013, p. 55, apud SILVA, 2008, p. 303)

A partir desse pequeno trecho podemos observar os padrões comportamentais da sociedade bonfinense da época, que viam com maus olhos os jovens que, estando em ambientes públicos, agissem de maneira demasiadamente festiva. Chegando, frequentemente, a ser caso de polícia. Aqui podemos lembrar que os negros do Tijuáçu sofriam com o preconceito de alguns moradores de Senhor do Bonfim como pudemos comprovar nos relatos da professora Carmélia sobre os julgamentos preconceituosos e racistas, sobre esses afrodescendentes e seus modos de viver.

Não que esse trecho, da tese da professora Karina, esteja falando sobre os negros de Tijuáçu, mas de qualquer comportamento considerado inadequado pelos artistas de circos e sociedade da época. Todavia, fazendo um paralelo com a realidade de um jovem negro de origem quilombola, que vivia entre esses dois círculos de realidades distintas, Casa Grande e Senzala, leva-nos a pressupor que diante da desvalorização de certos comportamentos sociais,

o jovem Vieira tenha buscado os símbolos que condiziam com os grupos considerados “civilizados” como forma de não ser excluído de seu novo grupo.

Os sistemas símbolos, como instrumentos de conhecimento e de comunicação, só podem exercer um poder estruturante porque são estruturados. O poder simbólico é um poder de construção da realidade que tende a estabelecer uma ordem gnosiológica: o sentido imediato do mundo (e, em particular, do mundo social) supõe aquilo a que Durkheim chama o conformismo lógico, quer dizer, uma concepção homogênea do tempo, do espaço, do número, da causa, que torna possível a concordância entre as inteligências. Durkheim – ou, depois dele Radcliffe-Brow que faz assentar a solidariedade social no facto de participar num sistema simbólico – tem o mérito de designar explicitamente a função social (no sentido do estruturo-funcionalismo) do simbolismo, autentica função política que não se reduz à função de comunicação dos estruturalistas. Os símbolos são instrumentos por excelência da integração social: enquanto instrumentos de conhecimento e de comunicação (cf. a análise durkheimiana da festa), eles tornam possível o consensus acerca do sentido mundo social que contribui fundamentalmente para a reprodução da ordem social: a integração lógica é a condição a integração moral. (BOURDIEU, 2007, p. 10)

Então, diante de determinados símbolos cultivados na sociedade que Antônio Vieira viveu, podem ter influenciado em sua psicologia, a priori, pela ótica do branco por uma cultura, dominante, que não era a sua. Uma espécie de exorcismo daquilo que é visto como “subcultura”. Parece que o jovem Antônio Vieira é aprendido pelos símbolos de uma elite que podiam ter acesso ao “melhor” que uma cultura pode oferecer. É natural que o jovem de origem humilde se sinta seduzido por esse universo de possibilidades de que lhe fora proporcionado como forma de se integrar aos meios elitizados.

Certos símbolos manifestam-se em trejeitos, muitas vezes sutis, como a forma de olhar, falar, expressar, sentar e de se colocar diante dos outros. Todos esses símbolos corporais e expressões refletidas por um jovem negro, aspirante a uma elite social de seu tempo, o fizera mais um jovem negro, porém mais aceito, mais apreciado, mais bem afeiçoado, ou seja, possuía todos os símbolos apreciados pelo o seu novo círculo de convivência.

A sua penetração em um meio que os outros de sua comunidade não conseguira gerava, e ainda gera, algumas acusações sobre a pessoa de Antônio Vieira, como podemos conferir em algumas entrevistas com moradores de Tijuacu, que não quiseram se identificar, disseram que ele era invejado por outros negros da comunidade de Tijuacu que o acusam de ter esquecido a sua comunidade negra, ou que se tornara um negro metido, como ainda hoje alguns o consideram. Essa impressão é causada, pelo que me parece, devido ao afastamento de modos e hábitos considerados desvalorizados pela sua atual realidade.

Não podemos afirmar que Antônio Viera tenha tido essa indiferença como sua comunidade por ser, de uma certa forma, “adotado” pela a senhora Adelina Félix e, portanto, usufruía uma realidade mais confortável em relação aos outros negros de sua comunidade. Além

de frequentar uma boa escola e os meios culturais pelos quais os seus pares não tiveram oportunidades de frequentar. Porém, não podemos assegurar que não, até porque, Antônio Vieira só teria consciência de sua negritude com sua entrada na Universidade Federal da Bahia (UFBA), isto é, Antônio Viera era um jovem que vivia em um mudo dual, por isso, imaturo em relação a tudo o que estava acontecendo em sua vida.

Entretanto, o que parece ocorrer é o que afirma o sociólogo Guerreiro Ramos que diz “que há ressentimento do homem de cor de posições mais baixas contra homens de cor de posição mais elevadas” (RAMOS, 1948, p. 8). Assim, podemos perceber que Antônio Vieira – ao assimilar os padrões de uma família branca – passou a sofrer uma espécie de estranhamento por parte de alguns moradores de Tijuacu que o julgam, um traidor de seu povo. Contudo, não pretendemos aqui aprofundar-se em sentimentos causados por Antônio Vieira em sua comunidade. Entretanto, absorção gradual de Antônio Vieira, em um círculo “dominante”, parece um modelo de ascensão social do negro que pode ser observado em outras trajetórias de intelectuais negros, como forma de integração nas elites brasileiras.

O mesmo modelo utilizado por Spitzer para a família Rebouças poderia ser aplicado para muitos outros intelectuais brasileiros que eram considerados pelos seus pares e pela opinião pública como "negros" ou mulatos, como foi o caso, para ficar apenas em alguns, de Aleijadinho (1730-1814), Luis Gama (1830-1882), José do Patrocínio (1854-1905); Cruz e Souza (1862-1898); Manuel Querino (1851-1923), Lima Barreto (1881-1927) e Mário de Andrade (1893-1945). O que se chama de embranquecimento, entretanto, não nos deve fechar os olhos para o fato de que a assimilação à cultura luso-brasileira nunca significou uma simples e pura reprodução da estética e da moral política européias, apartadas do meio mulato, ou seja, uma espécie de esquizofrenia racial; ao contrário, esses artistas e intelectuais tidos como "embranquecidos" foram responsáveis pela introdução, na cultura brasileira, de valores estéticos e de idéias híbridas e mestiças, modificando a vida cultural nacional em direção a um estado em que eles e os meios de onde provieram pudessem se sentir mais confortáveis. De fato, uma estratégia de completo embranquecimento, ou seja, de completa alienação do meio originário, jamais poderia ser bem-sucedida, como nos mostra, aliás muito bem, Spitzer, na sua análise da mobilidade social dos Rebouças. Se foi comum a absorção de pretos e mulatos em famílias e meios sociais brancos e ricos, foi também registrada, nas artes e nos escritos políticos que marcaram o longo caminho da construção da negritude no Brasil, a dolorida experiência de ser negro ou mulato no mundo dos brancos. Senão vejamos. (GUIMARÃES, 2004, p. 272)

As bibliografias referentes – à ascensão social do negro – tem como modelo o aproveitamento sagaz das oportunidades dadas por famílias brancas e pertencentes a uma elite que consumia uma cultura de alto padrão. Contudo, a trajetória de Antônio Vieira parte da mesma raiz de integração a vida social competitiva, ou seja, sua ascensão social tem como ponto de partida o que os sociólogos chamam de embranquecimento, portanto, como bem descrito pelo cientista social Antônio Sérgio Alfredo Guimarães, em seu artigo intitulado *Intelectuais negros e formas de integração nacional*, ele diz:

O que se chama de embranquecimento, entretanto, não nos deve fechar os olhos para o fato de que a assimilação à cultura luso-brasileira nunca significou uma simples e pura reprodução da estética e da moral política européias, apartadas do meio mulato, ou seja, uma espécie de esquizofrenia racial; ao contrário, esses artistas e intelectuais tidos como embranquecidos foram responsáveis pela introdução, na cultura brasileira, de valores estéticos e de ideias híbridas e mestiças, modificando a vida cultural nacional em direção a um estado em que eles e os meios de onde provieram pudessem se sentir mais confortáveis. (GUIMARÃES, 2004, p. 272)

Antônio Vieira, como foi analisado até aqui, sofreu a influência de uma educação francesa e de uma cultura europeia. Todavia, após terminar seus estudos no Maristas, ele viajou para Salvador onde terminou seus estudos no Colégio Estadual da Bahia, ou apenas Central, com o intuito de terminar o seu ensino médio. A sua ida para Salvador teve como principal apoio a senhora Estela, filha de criação da senhora Adelina Xisto, que o abrigou em sua casa em Salvador. Foi em Salvador que Antônio Viera conseguiu um trabalho na Biblioteca Pública, segundo os relatos do médico aposentado, o senhor Gustavo Eduardo Teixeira da Rocha, que fazia medicina na Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Segundo Dr. Gustavo Eduardo Teixeira da Rocha (2017): “Antônio Viera despertou o interesse em fazer biblioteconomia através de sua experiência como funcionário da biblioteca pública em Salvador”. Antônio Vieira, relata Dr. Gustavo, “passava o dia inteiro lendo na biblioteca e aperfeiçoando o seu inglês após o expediente do trabalho com os amigos, gringos, que ele fizera no porto em Salvador. Assim, Antônio Vieira prestou o vestibular para biblioteconomia pela Universidade Federal da Bahia (UFBA) e passou”. (ROCHA, 2017)

A partir da sua entrada na universidade, pouco se sabe de sua trajetória acadêmica devido às dificuldades encontradas no processo de investigação como testemunhas reais, devido a toda uma geração de acadêmicos já falecidos. Porém, podemos presumir que sua chegada à Salvador, e a sua entrada na UFBA, deu a Antônio Vieira as ferramentas epistêmicas para compreender sua condição como homem negro que percorreria um longo e árduo caminho para chegar, como ele mesmo afirmara, onde muito poucos de seus conterrâneos de semelhantes origens jamais atingiram. Podemos perceber aqui que Antônio Vieira se refere, aos seus irmãos de sua comunidade negra de Tijuaçu.

Antônio Viera, portanto, demonstra está consciente de sua exceção como negro, entre uma esmagadora maioria, que não tiveram a mesma oportunidade de ocupar certos espaços, restritos, a uma minoria privilegiada e dos mecanismos ideológicos assimilados por ele, até a sua ascensão. É a partir deste entendimento que Antônio Vieira começa a vicejar uma negritude em suas obras de cunho poético com o objetivo de denunciar tudo que viveu em sua trajetória como um homem negro, nordestino, do interior da Bahia, que com sua poesia

desabafa: “Eu que assim nasci morrerei assim, pois assim eu sou: Senhor dono dos meus atos, cabeça rica em fatos. Eu negro. Eu de fato. Eu com injustiças, estupefato! Eu. (VIEIRA, 1980, p. 39).

A sua absorção, em uma família branca, deu-lhe uma educação que o marcaria com a construção de sua negritude, como alguém esclarecido e capaz de debater, dentro dos códigos legítimos, a sua negritude adormecida, pela qual não havia mais a necessidade de provar sua brancura, mas ser o negro que galvaniza a sua negrura pela sua mais profunda ancestralidade sufocada pelo mundo que lhe é estranho e o faz vê de baixo para cima. Portanto, a branquidade impregnada no inconsciente do negro, engendrada pela criação de uma família branca e elitizada, não pode aliena-lo ao simples reprodutor de uma cultura eurocêntrica com o intuito de provar sua brancura. Pelo contrário, Antônio Vieira não reproduziu a sua branquidade adquirida, mas buscou agir com o objetivo de interferir no meio ao qual estava inserido, como forma de modificá-lo, através de sua poesia.

Assim, a partir do entendimento de certos processos de reprodução do meio, que o fez, Antônio Vieira passou a não mais cultivá-lo, mas a introduzir ideias de indignação e repúdio às injustiças sociais contra o povo negro e toda a sua forma de manifestação artística, estética, religiosa e intelectual.

Portanto, romper com a morbidez do ideal do ego não é uma tarefa das mais fáceis, devido à profundidade com que certas estruturas foram incrustadas na consciência social, como forma de comparação com o outro. Em alguns relatos sobre uma certa preferência de Antônio Vieira por mulheres loiras, por parte de alguns amigos ainda vivos, chama atenção a recorrência em dizer que Antônio Vieira vivia com belas mulheres loiras e estrangeiras ao seu lado, e que ficavam impressionados com a beleza dessas mulheres. A forma com que é transmitida tais relatos, dá uma certa impressão de que as loiras eram uma espécie de troféu ou que os seus colegas brancos ficavam impressionados como um homem negro podia se relacionar com tais mulheres.

Bem, não cabe aqui discutirmos sobre a preferência pessoal de Antônio Vieira, mas sob que forma é manifestada o ideal do negro no consciente social, a partir de preferências consideradas aceitáveis. Antônio Vieira em sua consciência dos mecanismos de incorporação das estruturas, como superação ao mundo da *doxa*<sup>9</sup>, como disse o Robson Lima<sup>10</sup>, mestrando em Sociologia, parafraseando Bourdieu: “É esse universo tácito onde o indivíduo tem, mas não

---

<sup>9</sup> Palavra de origem grega que significa crença ou opinião.

<sup>10</sup> Robson Lima. Mestrando em sociologia e criador do canal Sociovlog no Youtube: <<https://www.youtube.com/sociovlogbr?gl=BR&hl=pt>>.

questiona” (LIMA, 2016), isto é, a consciência de um pensamento crítico e a tentativa de se libertar...

Parece, contudo, o entrelaço de forças subjetivas e estruturantes, como a centrípeta e centrífuga, que são demasiado complexas das relações sociais a serem debatidas aqui. Porém, presume-se que a clareza de tais estruturas – inconscientes e muito poderosas – não é suficiente para livrar-se dela por inteiro. Todavia, buscar no mínimo mitiga-la, após a desconstrução de certos ideais do ego impostos pelo meio, a fim de reestruturar novas ideias a partir de um olhar do próprio negro.

Esta condição do homem, esclarecido, gera a sua integralidade e capacidade de intervir de maneira efetiva no campo cultural em que está inserido. Como bem descrito por Albert Camus: “a revolta é o ato do homem informado, que tem consciência de seus direitos” (CAMUS, 2017, p. 31). Contudo, uma simples reprodução ou alienação total de uma cultura não foi possível. Antônio Vieira, por exemplo, após seu esclarecimento, tona-se, como bem dizia Abdias do Nascimento, um “negro revoltado” diante de sua condição de injustiça social e racial.

Que valor invoca a revolta do negro? Seu valor de homem, seu valor de Negro, seu valor de cidadão brasileiro. Quando a abolição da escravidão em 1888 e a Constituição da República em 1889 asseguram teoricamente que o ex-escravo é um cidadão brasileiro com todos os direitos, um cidadão igual ao cidadão branco, mas, na prática, fabrica um cidadão de segunda classe já que não forneceu ao negro os instrumentos e meios de usar as franquias legais – atingem profundamente sua condição de homem e plantam nele o germe da revolta. As oligarquias republicanas, responsáveis por essa abolição de fachada, atiraram os quase cinquenta por cento da população do país – os escravos e seus descendentes – à morte lenta da história, dos guetos, do mocambo, da favela, do analfabetismo, da doença, do crime, prostituição. (GUIMARÃES, 2004, p. 160)

Portanto, Antônio Vieira faz parte de uma nova geração de negros, letrados, que a partir de sua própria experiência buscavam uma nova ótica da psicologia do negro que não a do branco. Engendrando, assim, um rompimento com os antigos padrões de reprodução adquiridos, por sua convivência com os meios dominantes em sua juventude, quebrando com a definição estereotipada pela qual o negro é aprendido. Antônio Vieira torna-se um referencial para desconstrução da imagem do negro grafada por 388 anos de escravidão, que estabeleceu o lugar do afrodescendente a determinados espaços na estrutura social de seu tempo.

Mas as barreiras existentes no processo de mobilidade social do negro, marcada pela naturalização da comunidade de Tijuca em ocupações menos valorizadas e trabalhos manuais exaustivos, geram desvantagens competitivas. Ou seja, os negros, mesmo após abolição, se viam prestando trabalhos a senhores e coronéis para ganhar o pão. Por isso o

estranhamento de boa parte das pessoas ao ouvirem a história da ascensão social de Antônio Vieira parece tão constante.

Contudo, tais obstáculos são frutos do confinamento do negro aos estratos inferiores de baixa habilidade profissional e acesso a uma boa educação. Um negro de um quilombo que tenha se tornado doutor e professor universitário fora do Brasil gera a complexidade dos que naturaliza o negro em posição inferior. Esse estranhamento faz parte de uma construção histórica que veem o caso de Antônio Vieira com excepcionalidade ou uma espécie de eleito em detrimento de uma maioria.

Todavia, o que diferencia Antônio Vieira dos negros de sua comunidade não é nem uma excepcionalidade, mas a sua perspicácia em aproveitar os fatores externos favoráveis do meio em que ele conviveu e sobre aproveitá-los. A família Félix proporcionou a Vieira uma boa educação pela qual lhe deu a base sólida para a sua ascensão social. Portanto, não há uma espécie de eleito, mas uma junção de componentes que possibilitou sua integração social pelo qual podemos perceber as relações de desigualdade de renda e a dura realidade do negro no Brasil.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho consiste num esforço de entender os arranjos que compõem o processo de ascensão social do intelectual negro através do estudo da trajetória pessoal de Antônio Vieira. Buscou-se entender a maneira pela qual foram construídas relações complexas em sua formação no distrito de Tijuáçu. Neste contexto, foi percebida a importância de sua tradição familiar e sua primeira socialização como fator vital para o entendimento do fenômeno de sua ascensão social.

O processo de ascensão social de Antônio Vieira está entre a sua subjetividade e a oportunidade dada pela estrutura de relações de trabalho que existia entre a comunidade negra de Tijuáçu e a família Félix como ponto chave para o entendimento do fenômeno de sua mobilidade social. Assim, é que acredito ser possível compreender o fenômeno pesquisado da ascensão social de um homem negro, quilombola, pobre e sertanejo, que soube agarrar a oportunidade como poucos o fizeram em seu pequeno distrito.

Antônio Vieira, como pudemos demonstrar até aqui, beneficiou-se de todo o contexto de desenvolvimento educacional, cultural, econômico, político e social pelo qual a cidade de Senhor do Bonfim estava passando. Por conseguinte, Antônio Vieira viveu os desafios de galgar o seu lugar em meio a uma sociedade do interior baiano, onde negros, com sua mesma origem, isto é, de uma comunidade quilombola e muito humilde, não passavam de trabalhadores rurais, domésticos e artesanais. Contudo, romper com essa reprodução naturalizada foi, sem dúvida, o fenômeno do encontro da potencialidade e o fator externo favorável na vida de Antônio Vieira.

Parece óbvio, mas a complexidade de se entender esta relação de potencialidade e oportunidade não é tão simples assim. Como pudemos observar, entre os nove irmãos de Antônio Vieira que frequentavam a casa da família Félix, apenas um conseguiu aproveitar essa oportunidade, ou seja, apenas Antônio Vieira conseguiu aproximar-se dos padrões estruturantes das elites de Senhor do Bonfim de sua época de maneira a poder ser absorvido por ela.

Porém, o ato intencional de sua ação reunia as aptidões e capacidades inerentes e adquiridas para introduzir-se em espaços que não estavam adaptados a presença de um negro oriundo da comunidade quilombola de Tijuáçu nos anos 50. Antônio Vieira teve êxito em romper com certos paradigmas como, por exemplo, a sua inclusão social por parte de uma família branca e pertencente à elite Bonfinense, a sua entrada e permanência no Colégio Maristas onde o nível educacional era muito elevado, mas ele conseguiu dar conta. A sua convivência com

outros jovens pertencentes aos círculos dominantes da época, e toda sua desenvoltura de assimilar certos símbolos aceitos como uma boa educação, que como pudemos constatar, o fator decisivo para sua chegada a universidade.

Diante desse quadro, acredito que sua chegada a Universidade Federal da Bahia (UFBA), a sua Alma Mater, foi através de uma sólida educação que recebera no Maristas em Senhor do Bonfim, e a partir da UFBA, o seu entendimento e o aperfeiçoamento das faculdades da mente e do espírito. Por conseguinte, o esclarecimento dos processos de opressão do povo negro como ponto de elucidação através de sua própria trajetória como homem sensível a sua real condição.

O campo acadêmico deu-lhe as ferramentas epistemológicas e metodológicas para publicação de seus livros, com o objetivo de intervir no mundo com efeito de influenciar o processo. Assim, não há intervenção no mundo sem o entendimento das estruturas que influenciam nas ações dos indivíduos. Então, a partir da desconstrução das ideias de assimilação de uma família branca, Antônio Vieira passa, após a sua maioridade intelectual, a denunciar a reprodução da miserabilidade do povo negro através de sua poesia como forma de intervir no mundo.

A publicação de suas poesias é o desabrochar de sua negritude como ponto de desabafo e denúncia das injustiças e opressão do povo negro, e onde pude observar a presença de sua negritude, em seus livros de poesia, através de experiências próprias e adquiridas pela universidade, como base de sua criticidade poética e acadêmica. Antônio Vieira, com sua obra, rompe com o padrão tido como certo para o negro de origem simples como a dele.

Romper com certas estruturas da vida social é, sem dúvida, demasiado complexo, devido suas estruturas visceralmente internalizadas no indivíduo em sociedade. Antônio Vieira, para rompê-las, precisou refazer sua trajetória para não ser mais servil e emancipar-se de sua assimilação de uma família branca e de elite bonfinense. Essa reconstrução de si mesmo é o olhar do negro pelo negro, e não como pudemos perceber em sua juventude, uma ótica a partir da psicologia das elites brancas de seu tempo.

Símbolos que o elevaram, a priori, a um ideal de brancura como requisito necessário para processo de integração social de famílias brancas bonfinenses, que foram como pudemos pressupor a porta de entrada para sua integração social. Contudo, como pudemos inferir, era uma forma de camuflar seu estigma de um menino pobre, negro e pertencente a um pequeno distrito de Senhor do Bonfim. Essas marcas só podiam ser amenizadas, através de seus esforços, pessoais, para ser o melhor nos estudos e em todas as atividades diárias de uma vida de assimilação de uma cultura considerada “superior”.

Portanto, sua trajetória contribui para o entendimento de certos mecanismos que dificultam o deslocamento social dos que não atendem o ideal da sociedade competitiva como forma de excluir os não adaptados ao meio de classificação, desigualdade e marginalização do mundo do trabalho.

A partir da pesquisa, pude observar que para manter certos espaços imaculados das elites brancas de Senhor do Bonfim dos anos 30, 40 e 50, Antônio Vieira precisou assimilar passivamente a “cultura branca” como forma de se ascender socialmente. Como pude analisar no artigo do professor Antônio Sérgio Alfredo Guimarães que diz: “‘Embranquecimento’ pode ser entendido como o processo pelo qual indivíduos negros, principalmente intelectuais, eram sistematicamente assimilados e absorvidos às elites nacionais brasileiras.” (GUIMARÃES, 2004, p. 271)

Aqui, o meu objeto de pesquisa, se insere em uma literatura sobre relações raciais no Brasil, que fundamenta o argumento, que procurei demonstrar até aqui, em relação ao fenômeno da ascensão social de Antônio Vieira. Quando se apontam, por exemplo, trajetórias de intelectuais negros, que tiveram sua ascensão social diretamente relacionada ao processo de assimilação de uma cultura de famílias brancas e de elite de seu tempo. Literaturas estas que fundamentam o fenômeno da ascensão social do nosso personagem como podemos encontrar no texto de Octavio Ianni, *Cor e mobilidade social em Florianópolis*, em coautoria com Fernando Henrique Cardoso, publicado em 1960, no livro *Um enigma chamado Brasil*, que diz:

Como a raça influi na mobilidade social, indica qual o papel da ideologia nesse processo e como essa ideologia se explicita em termos de representações sociais. Aponta a existência de discriminação social em relação a negros e mulatos, que se apresenta em inúmeras situações da vida urbana. Ainda, como esse preconceito leva à internalização, pelos negros, de papéis sociais que se constituem em obstáculos à ascensão na sociedade. (IANNI, O.; CARDOSO, F. H, 2009, p. 380)

Também foi utilizado literaturas de Florestan Fernandes, *Integração do negro na sociedade classe*; Gilberto Freyre, *Sobrados e mucambos*; Carmélia Aparecida, *Vestígios recuperados*; Antônio Sérgio Alfredo Guimarães, *Intelectuais negros e formas de integração nacional*; Pierre Bourdieu, *O poder simbólico*; Peter L. Berger e Thomas Luckmann, *A construção social da realidade*; Antônio Vieira, *Areia, mar, poesia, Cantos encantos e desencantos d’alma, Cantares d’África*, etc.

Foi através dessas literaturas que pude compreender melhor o processo de ascensão social de Antônio Vieira que por meio de sua trajetória revela-nos a dificuldades de ser negro

no mundo dos brancos, como é possível constatar na poesia de Cruz e Souza no artigo do professor Antônio Sérgio Alfredo Guimarães, intitulado *Intelectuais negros e formas de integração nacional*: “O emparedado”

Não! Não! Não! Não transporás os pórticos milenários da vasta edificação do mundo, porque atrás de ti e adiante de ti não sei quantas gerações foram acumulando, pedra sobre pedra, pedra sobre pedra, que para aí estás agora o verdadeiro emparedado de uma raça. Se caminhares para a direita baterás e esbarrarás, ansioso, aflito, numa parede horrendamente incomensurável de Egoísmos e Preconceitos! Se caminhares para a esquerda, outra parede, de Ciências e Críticas, mais alta do que a primeira, te mergulhará profundamente no espanto! (GUIMARÃES, 2004, p. 272)

Portanto, é esse emparedamento do negro que Antônio Vieira denuncia em suas obras poéticas como forma de resistência e revolta de um homem negro que conhecia a fundo o emparedamento psicológico do negro. Podemos assim identificar, a partir de seus livros de poesia, o desabafo e esperança de dias melhores para o povo negro, como ele mesmo afirma, no prefácio de seu livro *Cantares d'África*: “Este livro é minha modesta homenagem a todos os homens ilustres do Brasil e do mundo que lutaram e vem lutando incessantemente pelo avanço e progresso – para o homem negro”. (VIEIRA, 1980, p. 13)

A mobilidade do negro no Brasil foi estudada até então pela ótica das regiões Sudeste e Sul do Brasil, deixando de lado o interior da região Nordeste, aqui representado pela trajetória de mobilidade social de um homem negro do interior do sertão baiano. Portanto, esta pesquisa poderá contribuir para o entendimento da mobilidade do negro a partir de regiões consideradas periféricas no Brasil como o interior do sertão baiano. Contudo, estudar a ascensão social do negro pelas conjunturas políticas, econômicas, sociais e culturais do interior, vem fomentar os estudos da mobilidade do negro e compreensão do fenômeno com forma de corrigir esse erro através de políticas públicas efetivas.

O trajeto de Antônio Vieira, a meu ver, é um guia para entender o fenômeno da ascensão social de um negro pertencente a uma comunidade quilombola de uma pequena cidade do interior da Bahia e as estruturas de relações de trabalho entre Tijuáçu e as famílias brancas e pertencentes às elites bonfinenses. Contudo, sua trajetória merece destaque devido a sua idiosincrasia como futura fonte de dados para novas pesquisas, ou seja, vicejando novas perspectivas de sua trajetória como homem negro, de seu tempo, que rompeu as barreiras sociais que dificultavam a mobilidade de homem negro, quilombola, pobre, nordestino, e que reuniu as melhores condições, subjetivas, para mudar sua realidade e, posteriormente, incluir símbolos de sua negritude, como forma de questionar as ideologias consideradas adequadas e naturalizadas para o povo negro.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRÉA, Karina da Silva Faria. **O sucesso e o sustento**: a trajetória da atriz bonfinense Celina Ferreira (1902-2001). 2013. Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, Escolas de Teatro e Dança, Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial para obtenção do grau de Doutora em Artes Cênicas.

ANTÔNIO VIEIRA. **Literafro**: o portal da literatura afro-brasileira, 24 jan. 2018. Disponível em: <<http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/164-antonio-vieirai>>. Acesso em 12 set. 2018.

BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Um enigma chamado Brasil**: 29 intérpretes e um país. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BERGER, Peter L.; LUCKHMANN, Thomas. **A construção social da realidade**: tratado de sociologia do conhecimento. Petrópolis: Vozes, 1985.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

BERND, Zilá, **Poesia negra brasileira**: antologia. Porto Alegre: Age: Iel: Igel, 1992.

CAMUS, Albert. **O homem revoltado**. Rio de Janeiro: Best Bolso, 2017.

CARVALHO, Reginaldo da Silva. **Dionísio pelos trilhos do trem**: circo e teatro no interior da Bahia, na primeira metade do século XX. 2014. 841 f. il. Tese (doutorado) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Teatro; Ècole Doctorale Lettres, Langues, Spectacles, Université Paris Ouest La Défense, 2014.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes**. São Paulo: Globo, 2008.

FANON, Frantz. **Pele negra máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.

FREYRE, Gilberto. **Sobrados e mucambos**. São Paulo: Global, 2013. Disponível em: <<https://gruponsepr.files.wordpress.com/2016/10/livro-completo-sobrados-e-mucambos-gilberto-freyre-1.pdf>>. Acesso em: 15 ago. 2018.

GIDDENS, Anthony. **A constituição da sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, 2009.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Intelectuais negros e formas de integração nacional**. São Paulo: Estudos avançados, 2004.

\_\_\_\_\_. **Resistência e revolta nos anos 1960**: Abdias do Nascimento. São Paulo: 2005.

IANNI, Octavio; CARDOSO, Fernando Henrique. Cor e mobilidade social em Florianópolis. *In*: BOTELHO, André; SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Um enigma chamado Brasil**: 29 intérpretes e um país. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LEMOS, Gisele Shaw. **Investigando culturas escolares**: a disciplina ciências em instituições escolares de Senhor do Bonfim (1951-1975). 2012. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino, Filosofia e História das Ciências da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS e Universidade Federal da Bahia – UFBA como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino Filosofia e História das Ciências.

LIMA, Robson. [AULA] Bourdieu (Habitus e Campo) Parte 2. In: **Sociovlog**. 2016. (6m41s). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VX34Dok2apo&feature=youtu.be>>. Acesso em: 29 set. 2017.

MIRANDA, Carmélia Aparecida Silva. **Vestígios recuperados**: experiências da comunidade negra rural de Tijuacu. São Paulo: Annablume, 2009.

MACHADO, Paulo Batista. **Notícias e saudades da Villa Nova da Rainha, alías, Senhor do Bonfim**. Salvador: EDUNEB, 2007.

\_\_\_\_\_. **Tijuacu uma resistência negra no semi-árido**. Salvador: EDUNEB, 2010.

RAMOS, Guerreiro. Contatos raciais no Brasil. **Jornal Quilombo**: vida, problemas e aspirações do negro. Rio de Janeiro, ano I, n. 1, 09 dez. 1948, p. 8. Disponível em: <<http://ipeafro.org.br/acervo-digital/leituras/ten-publicacoes/jornal-quilombo-no-01/>>. Acesso em: 22 set. 2018.

VIEIRA, Antônio. **Areia, mar, poesia**. Salvador: Mensageiro da Fé, 1972.

\_\_\_\_\_. **Cantos, encantos e desencantos d'alma**: green blue shadows. Salvador: Mensageiro da Fé, 1975.

\_\_\_\_\_. **Cantares d'África**. Rio de Janeiro: Gráfica Riex Editora S.A., 1980.

## ENTREVISTAS

CARVALHO, Iêda Belitardo Barbosa de. Entrevista concedida a Erenilson Barbosa da Silva. Senhor do Bonfim: 17 fev. 2018.

JESUS, Osvaldina Fagundes Vieira de. Entrevista concedida a Erenilson Barbosa da Silva. Senhor Bonfim: 7 ago. 2016.

GUIMARÃES, Sônia Magali de Sá. Entrevista concedida a Erenilson Barbosa da Silva. Senhor do Bonfim: 10 abr. 2017.

GAMA, Paulo Xisto. Entrevista concedida a Erenilson Barbosa da Silva. Senhor do Bonfim: 17 set. 2016.

LIMA, Juracy. Entrevista concedida a Erenilson Barbosa da Silva. Senhor do Bonfim: 8 set. 2017.

MENEZES, Brunna Karolline Matos de. Entrevista Concedida a Erenilson Barbosa da Silva. Senhor do Bonfim: 10 set. 2016.

SILVA, Alcione Vieira. Entrevista concedida a Erenilson Barbosa da Silva. Senhor do Bonfim: 20 mar. 2016.

SANTOS, Aloysio. Entrevista concedida a Erenilson Barbosa da Silva. Senhor do Bonfim: 3 mar. 2018.

ROCHA, Gustavo Eduardo Teixeira da. Erenilson Barbosa da Silva. Senhor do Bonfim: 16 fev. 2017.

SANTANA, Antônio Augusto de Oliveira. Entrevista concedida a Erenilson Barbosa da Silva. Senhor do Bonfim: 18 jan. 2017.

SÁ, José Cosme de. Entrevista concedida a Erenilson Barbosa da Silva. Senhor do Bonfim: 7 mai. 2018.

SOUZA, Estela Costa. Entrevista concedida a Erenilson Barbosa da Silva. Senhor do Bonfim: 25 mai. 2018.